

Marcos de Carvalho Mazzoni Filho

**GESTÃO DA AMBIÊNCIA NO ENEM:
A DIMENSÃO OCULTA NOS EXAMES EM LARGA ESCALA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação da Universidade Federal de Santa Catarina, para a obtenção do Grau de Mestre em Métodos e Gestão em Avaliação.

Orientador: Prof. Dra. Silvia Modesto Nassar

Florianópolis, SC
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

Mazzoni Filho, Marcos de Carvalho

Gestão da ambiência no Enem: a dimensão oculta nos exames em larga escala / Marcos de Carvalho Mazzoni Filho; orientadora, Silvia Modesto Nassar - Florianópolis, SC, 2015.
101 p.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação.

Inclui referências

1. Métodos e Gestão em Avaliação. 2. Ambiência avaliativa. 3. Gestão ambiental de exames. 4. Avaliações em larga escala. 5. Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). I. Nassar, Silvia Modesto. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação. III. Título.

Marcos de Carvalho Mazzoni Filho

**GESTÃO DA AMBIÊNCIA NO ENEM:
A DIMENSÃO OCULTA NOS EXAMES EM LARGA ESCALA**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título de “Mestre em Métodos e Gestão em Avaliação” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão em Avaliação.

Florianópolis, SC, 10 de julho de 2015.

Prof. Renato Cislaghi, Dr.
Coordenador do Curso
Coorientador

Banca Examinadora:

Prof^a Silvia Modesto Nassar, Dr^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Olinto José Varela Furtado, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof. Juliano Tonizetti Brignoli, Dr.
Instituto Federal Catarinense (IFC)

Prof. Marcelo Menezes Reis, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Este trabalho é carinhosamente dedicado à memória de meus pais, Marina e Marcos Mazzoni, e às minhas filhas, Clarice e Maria Luísa – apaixonantes. Dedico-o em especial à minha esposa, Scylla, por sua delicadeza e paixão.

A todos, com amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras do grupo escolar municipal Maria Modesta Cravo, de Belo Horizonte e a todos os mestres em minha trajetória acadêmica, em especial à equipe do Mestrado Profissional em Métodos e Gestão em Avaliação.

À equipe de pesquisadores do Inep, e aos estimados colegas da Coordenação-Geral de Concepções e Análises Pedagógicas (Cgcap)/Daeb e os amigos de turma deste mestrado. A todos agradeço pelo duto convívio.

Agradeço carinhosamente à minha orientadora, Silvia, que conduziu-me pelas mãos no ambiente acadêmico e permitiu uma ambiência profícua de estudos e pesquisas em nossos encontros, tão necessária para a fruição de ideias, desenvolvimento e conclusão desta dissertação. Muito obrigado Silvia.

Caloroso agradecimento às minhas queridas filhas Clarice e Maria Luísa, sempre atentas e carinhosas e a minha esposa Scylla.

Muito obrigado a todos.

A geometria é a linguagem do homem. Mas ao determinar as distâncias respectivas dos objetos, ele inventou ritmos, ritmos sensíveis ao olho, nítidos nas suas relações. E esses ritmos estão no nascimento de comportamentos humanos. Ressoam no homem por uma fatalidade orgânica. O arquiteto pelas formas, afeta intensamente nossos sentidos, provocando emoções.; pelas relações que cria, desperta em nós ressonâncias profundas., determina movimentos diversos de nossos espíritos e de nossos sentimentos; sentimos então a beleza.

(Le Corbusier. *Por uma arquitetura*, 1981)

A arquitetura interfere. O espaço arquitetônico afeta-nos.
(Holanda, *Arquitetura & Urbanidade*, 2003)

RESUMO

Esta investigação tem como objetivo compreender a gestão da ambiência nos locais de aplicação de exames e avaliações censitários, aplicados nacionalmente, em larga escala. O recorte teórico está baseado em uma revisão integrativa da literatura de temas considerados na gestão ambiental: 1) ambiência; 2) ambiente escolar; 3) gestão e liderança; e 4) avaliação em larga escala. Foram analisados os aspectos de ambiência avaliativa que interferem no desenvolvimento das competências e habilidades de participantes durante a aplicação de testes. O estudo se desenvolveu a partir da capacitação dos Coordenadores do Local de Aplicação (CLA) do Enem 2012, realizada pelo consórcio Cespe/Unb e Fundação Cesgranrio. Foi analisada, também, a capacitação dos coordenadores e os conhecimentos obtidos por eles, mediante a análise de suas respostas aos Instrumentos de Avaliação n^os 1 e 2. Os resultados apontam para a necessidade de se compreender melhor como o ambiente e a ambiência influenciam no desempenho cognitivo dos participantes de avaliações externas censitárias, em nível nacional, e para a gestão ambiental de exames, visando à saúde avaliativa e a uma possível alteração no perfil e na função do CLA, para o de um gestor ambiental, notadamente com preocupação e foco no participante, e visando, ainda, à humanização dos locais de aplicação de exames, avaliações e testes coordenados pela equipe de pesquisadores do Inep.

Palavras-chave: Ambiência; Ambiente; Avaliações em larga escala; Coordenador de Local de Aplicação (CLA); Enem; Saúde avaliativa; Gestão ambiental.

ABSTRACT

This research aims at understanding the management of ambience at exam application locations and census ratings, applied nationally, on a large scale. The theoretical framework is based on a review of integrative literature about considered topics on environmental management: 1) ambience; 2) school environment; 3) management and leadership; and 4) large scale evaluation. Aspects of evaluative ambience that interfere within the development of competencies and skills of participants during the tests application were analyzed. The study was developed from the training of coordinators of exam locations, in the edition of Enem 2012, conducted by the consortium between Cespe/UnB and Fundação Cesgranrio. The training of coordinators and the knowledge obtained by them, through the analysis of their responses to the Assessment Tools numbers 1 and 2, were also analyzed. The results point to the need of better understanding how environment and ambience influence on the cognitive performance of participants of external census evaluations, at national level, and on the environmental management of exams, in order to achieve evaluative health and a possible change in the profile and role of coordinators of exam locations to that of an environmental manager, notably, with concern and focus on the participant, and, also, the humanization of the exam application locations, evaluations and tests coordinated by the team of researchers of the Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Keywords: ambience; environment; large-scale assessments; coordinator of exam location; Enem; evaluative health; environmental management.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Organograma da aplicação do Enem 2012.....	29
Figura 2 – Ambiência avaliativa: testes e local de aplicação	32
Figura 3 – Pintura de Nossa Senhora do Pilar, de Marcos Mazzoni	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Edições do Enem, principais eventos, número de inscrições e de participantes	26
Tabela 2 – Busca por descritores na base “Periódicos Capes”, realizada nos dias 26 e 27 de abril de 2014	53
Tabela 3 – Estrutura do edital do Enem 2012	94
Tabela 4 – Instrumento de Avaliação nº 1 – Temas	73
Tabela 5 – Questionário nº 1 – Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem-resposta	74
Tabela 6 – Instrumento de Avaliação nº 2 – Temas	77
Tabela 7 – Questionário nº 2 – Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem-resposta	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Referências sobre a influência do ambiente escolar	56
Quadro 2 – Referências sobre gestão e liderança	58
Quadro 3 – Referências sobre avaliações em larga escala	61
Quadro 4 – Referências sobre ambiência	64

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA – Avaliação Nacional da Alfabetização
Caps – Centro de Assistência Psicossocial
Cgcap – Coordenação-Geral de Concepções e Análises Pedagógicas
CLA – Coordenador de Local de Aplicação
Daeb – Diretoria de Avaliação da Educação Básica
DGP – Diretoria de Gestão e Planejamento
Enade – Exame Nacional de Desempenho do Estudante
Enem – Exame Nacional do Ensino Médio
GAE – Gestor Ambiental de Exames
Inep – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio
Teixeira
MEC – Ministério da Educação
Pnaic – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa
PNH – Política Nacional de Humanização
PPGMGA – Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão da
Avaliação
Saeb – Sistema de Avaliação da Educação Básica
Simave – Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Pública
SUS – Sistema Único de Saúde
TRI – Teoria da Resposta ao Item
UOL – Unidade de Operações Logísticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	23
1.1	JUSTIFICATIVA	30
1.2	PROBLEMA DE PESQUISA	32
1.3	OBJETIVO GERAL	34
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	35
1.5	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	35
1.6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	36
1.6.1	Análise do edital do Enem 2012	37
1.6.2	Revisão integrativa de literatura sobre ambiência, influência do ambiente e gestão	37
1.6.3	Análise da capacitação do CLA no Enem 2012	37
1.6.4	Proposição do perfil de um gestor ambiental de exames	38
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	39
2.1	AMBIENTE ESCOLAR.....	39
2.2	GESTÃO E LIDERANÇA	41
2.3	AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA	43
2.4	AMBIÊNCIA.....	45
2.5	AVALIAÇÃO NO BRASIL.....	48
3	ESTADO DA ARTE	51
3.1	REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA	52
3.2	SÍNTESE DOS TRABALHOS CONSIDERADOS	54
3.2.1	Ambiente escolar.....	54
3.2.2	Gestão e liderança	57
3.2.3	Avaliações em larga escala	60
3.2.4	Ambiência	62
4	RESULTADOS	69
4.1	ANÁLISE E ASPECTOS CONTRIBUTIVOS	69
4.1.1	Edital do Enem 2012.....	69
4.1.2	Capacitação dos coordenadores de local de aplicação	70
4.2	DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	80
5	CONCLUSÕES.....	85
	REFERÊNCIAS	89
	APÊNDICE I – Estrutura do Edital do Enem 2012.....	95
	APÊNDICE II – Etapas da revisão integrativa da literatura.....	98

1 INTRODUÇÃO

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC) com a missão de promover

estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro, com o objetivo de subsidiar a formulação e a implementação de políticas públicas para a área educacional, a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral (INEP, 2014).

O governo federal desenvolve projetos e ações avaliativas através da aplicação de testes e exames nacionais: Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), Prova Brasil, Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) e Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Em outubro de 2012, o Inep iniciou a aplicação da Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) como parte do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (Pnaic). Esses exames que compõem o sistema de avaliação da educação básica estão sob a responsabilidade do Inep quanto à concepção pedagógica, planejamento, desenvolvimento, execução, processamento e correção das provas e, ao final, há a consolidação e a divulgação dos resultados.

Dessa maneira a avaliação em larga escala (WERLE, 2011) como instrumento diagnóstico dos conhecimentos adquiridos pelos alunos alcançou dominância e relevância no sistema educacional brasileiro. Os resultados das avaliações e dos exames aplicados nacionalmente são assumidos, assim, como instrumentos estratégicos para o conhecimento, o controle e o monitoramento governamentais sobre todos os níveis e redes de ensino. Os gestores governamentais, as comunidades científica e docente se apropriaram dessa cultura avaliativa e passaram a empregar esses resultados na análise, formulação, implementação e reformulação de políticas públicas na área educacional.

Avaliação externa nacional da educação básica

Segundo Gatti (2013) a maior dificuldade nas avaliações sempre foi compreender os aspectos ligados à cognição do aluno. Lourenço Filho¹ no início do século 20 já se preocupava em compreender o desenvolvimento das crianças em leitura e escrita e, ainda, na dificuldade em aprendizagem.

A partir de 1980 foram iniciados estudos aprimorados, como a avaliação das aprendizagens no Programa de Educação Básica para o Nordeste Brasileiro (Edurural). Neste programa o desempenho escolar do alunado foi verificado através de provas de rendimento acadêmico.

O Ministro da Educação, em 1987, já se preocupava com o desenvolvimento de uma avaliação diagnóstica que pudesse contribuir nas questões educacionais da educação básica, afetas aos níveis estaduais e municipais. No período de 1987 a 1990 surgiram algumas avaliações em nível estadual e, em 1990 ocorreu uma primeira avaliação em nível nacional para o alunado das 1ª, 3ª, 5ª e 7ª séries – o Sistema de Avaliação do Ensino Público de 1º Grau (Saep).

No ano de 1992 passa a ser responsabilidade do Inep o desenvolvimento do Sistema de Avaliação da Educação Básica – Saeb e, assume sua administração e coordenação. O Saeb foi institucionalizado pelo MEC como um processo nacional de avaliação pela Portaria nº 1.795/94, desenvolvido para fornecer medidas sobre os sistemas de ensino.

O Saeb, aplicado desde 1985, avalia em nível nacional, o desempenho acadêmico dos alunos e os fatores associados a esse rendimento escolar. A partir dos estudos e pesquisas pioneiros para construção deste primeiro instrumento nacional com objetivo de avaliar o sistema educacional brasileiro, outros instrumentos foram desenvolvidos e compõem hoje um sofisticado conjunto de ferramentas de mensuração do desenvolvimento da educação no País, avolumando uma base de dados avaliacionais sob a responsabilidade do Inep.

Enem – histórico

O Exame Nacional do Ensino Médio – Enem foi criado em 1998 através da Portaria MEC nº 438, de 28 de maio, para ser aplicado

1 Manuel Bergström Lourenço Filho (1897 – 1970), intelectual educador, primeiro diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep) no período de 1938 a 1945. Participou em 1932 do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova” - movimento de renovação do ensino.

anualmente ao alunado concluinte do ensino médio. Teve como objetivo inicial avaliar o desempenho cognitivo do estudante ao término da escolaridade básica, visando aferir o desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais ao exercício da cidadania. Instrumento concebido para fornecer medidas individuais, o que o difere do Saeb. Exame de adesão voluntária, aplicado aos alunos concluintes (que estão terminando o ensino médio) e egressos do ensino médio (que concluíram esse nível de ensino) (BRASIL, 2014).

No período de 1998 a 2008 o exame foi composto de duas provas: redação e conhecimentos gerais. O desempenho do aluno era medido por 63 questões objetivas multidisciplinares de uma matriz de referência que contemplava competências e habilidades gerais próprias do desenvolvimento cognitivo do alunado correspondente ao término da escolaridade básica. Habilidades e competências utilizaram como referências norteadoras, o texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), os Parâmetros Curriculares Nacionais, os textos e o parecer da Reforma do Ensino Médio e as Matrizes Curriculares de Referência para o Saeb (BRASIL, 1998). A matriz definia cinco competências cognitivas globais e, a cada competência um conjunto de habilidades, totalizando 21 habilidades correspondentes.

Em 2009, teve seu objetivo ampliado e passou a subsidiar, em nível nacional, o ingresso no sistema público federal de educação superior (GONÇALVES; SOUSA, 2012). Acompanhando esta mudança, a concepção do exame foi estruturada com base nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, na matriz de habilidades e competências, adotando características do Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Enceja). O exame foi reestruturado para quatro provas contendo 45 questões objetivas de múltipla escolha cada e uma redação. As provas referem-se aos conhecimentos de:

- Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Artes e Educação Física) e Redação;
- Matemática e suas Tecnologias;
- Ciências Humanas e suas Tecnologias; e
- Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

O Enem até 2008 tinha como objetivo inicial a autoavaliação do participante concluinte e egresso do ensino médio e, a partir de 2009, “o exame passa a cumprir a função de instrumento de seleção unificada

para ingresso em instituições federais de ensino superior”. BRASIL (2014).

O ano de 2012 foi marcante na transição pós 2009, devido a falhas como o vazamento das provas em 2009, a impressão errônea de provas em 2010/2011 e o vazamento do pré-teste em 2011. Houve especial atenção à capacitação da equipe de campo de aplicação, notadamente na capacitação dos prováveis coordenadores de local de aplicação. Como efeito de fatos negativos marcantes na operacionalização do exame, a função de CLA em sua atuação nos dias de aplicação foi direcionada para atividades burocrático-administrativas e fiscalizadoras.

A Tabela 1 apresenta os principais eventos do Enem com quantitativo de inscrições e de participantes.

Tabela 1 – Edições do Enem, principais eventos, número de inscrições e de participantes

Ano	Evento	Edição	Nº de inscritos	Nº de participantes
1998	Criação do Enem	1ª	157.200	115.575
2001	Isenção taxa de inscrição ¹	4ª	1.624.131	1.200.883
2003	Consolidação do Enem	6ª	1.882.393	1.322.644
2005	Prouni ²	8ª	3.004.491	2.200.618
2009	Acesso às IES ³	12ª	4.147.527	2.426.432
2012	Banco de observadores de exames do Inep ⁴	15ª	5.791.332	4.082.889

Fonte: Enem Relatório Pedagógico Inep/MEC.

Notas: 1. Para alunos do 3º ano do ensino médio de escolas públicas.

2. Programa Universidade para Todos (Prouni), criado em 2004, que vincula a concessão de bolsas em instituições de ensino superior privadas à nota obtida no Enem.

3. Acesso às Instituições de Ensino Superior (IES). Utilização do Enem como forma de seleção unificada nos processos seletivos das universidades públicas federais.
4. Unidade de Operação Logística (UOL), da Diretoria de Gestão e Planejamento (DGP) cria o programa de certificação de pessoas e o Banco de Observadores de Exames do Inep.

Como exame de adesão voluntária o Enem teve procura baixa em sua 1ª edição, no ano de 1998. A partir de 2001, com a isenção da taxa de inscrição para alunos concluintes de escolas públicas o número de inscritos aumentou, sendo que em 2003 o Enem se consolida ampliando substancialmente o número de inscritos. A criação do Prouni em 2004 pelo Governo Federal, que vincula a concessão e bolsas em instituições de ensino superior privadas à nota do Enem, amplia o interesse no exame e o número de inscritos em 2005 supera os três milhões.

A utilização da nota no Enem para acesso às universidades públicas federais em 2009 modifica o caráter avaliativo individual, acrescentando a utilização como seleção unificada. Esta modificação é muito discutida pela sociedade e um marco na trajetória do exame, que, a partir de uma falha em gráfica, força a adoção de medidas rígidas de controle e de segurança na concepção do exame e na logística de distribuição e de aplicação. Desde então o exame vem batendo recordes de inscrição. Em 2012 é criado e implementado o Banco de Observadores de Exames do Inep com atribuição de vistoriar locais de aplicação do exame e acompanhar os dias de aplicação. Em 2014 o número de inscritos ultrapassou os oito milhões.

A concepção pedagógica do Enem é de responsabilidade da equipe da Coordenação-Geral de Concepções e Análises Pedagógicas (Cgcap) da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb) do Inep, e sua aplicação fica sob a responsabilidade da equipe da Unidade de Operações Logísticas (UOL) da Diretoria de Gestão e Planejamento.

O Enem é realizado anualmente – podendo ocorrer duas ou mais aplicações no período de 12 meses – e aplicado simultaneamente em todo o território nacional por empresa contratada. O Enem 2012 foi aplicado pelo consórcio formado pelas instituições Centro de Seleção e de Promoção de Eventos/Universidade de Brasília (Cespe/UnB) e Fundação Cesgranrio.

O organograma do Enem 2012, na Figura 1, mostra a posição do Coordenador de Local de Aplicação, responsável pela gestão do local de aplicação e pela coordenação da equipe de campo de aplicação do

exame, nos dias de aplicação. Foram, aproximadamente, 12 mil CLAs em todo o Brasil.

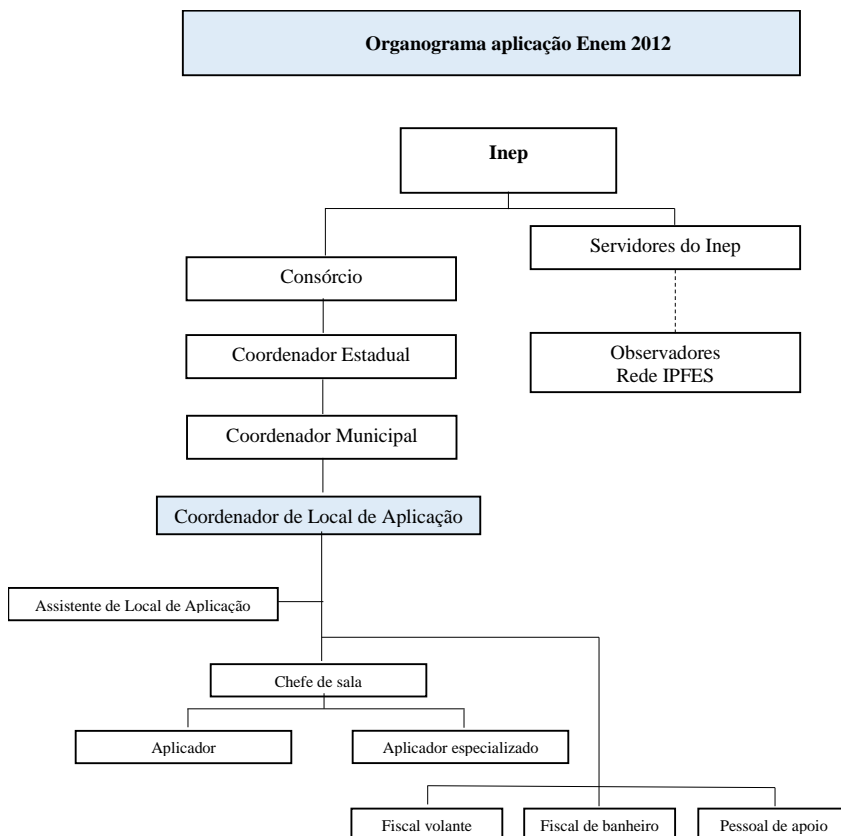
O CLA tem um assistente de aplicação para auxiliá-lo na gestão do local de aplicação. Para cada sala de aplicação do exame, há, obrigatoriamente, um chefe de sala e um aplicador e, quando necessário, o aplicador especializado. Para apoio, há o fiscal volante, o fiscal de banheiro e a equipe de limpeza.

A capacitação do CLA é, necessariamente, anterior à data de aplicação do exame. A equipe de campo é capacitada pelo CLA na manhã do dia de aplicação ou, a seu critério, em data anterior à aplicação.

Mesmo sem uma função específica ou especificada, o CLA prepara o ambiente e a ambiência avaliativa para os participantes do exame, liderando a equipe de campo nos dias de aplicação. Portanto, precisa de formação na gestão de atitudes e comportamentos de liderança e relações interpessoais.

Nesse sentido, segundo Silva e Cunha (2012), os ambientes físico e psicológico influenciam no desenvolvimento de atividades tensas. A ambiência, portanto, pode contribuir positiva ou negativamente com uma coleta de dados sobre conhecimentos e habilidades adquiridos por participantes em momentos de aplicação de instrumentos de avaliação – momentos de testagem como momentos de tensão para o participante.

Figura 1 – Organograma da aplicação do Enem 2012



Fonte: Equipe DGP.

Em 2012, com o intuito de “aprimorar o processo de capacitação do Enem” (GONÇALVES; SOUSA, 2012), a equipe da Unidade de Operações e Logísticas (UOL) da Diretoria de Gestão e Planejamento (DGP) implementou o Programa de Certificação de Pessoas da equipe de campo,² para alinhamento de processos e procedimentos de aplicação de exames e avaliações e para a diminuição dos erros de aplicação. Essa certificação é baseada na capacitação idealizada, concebida pela equipe

² Equipe contratada pelo consórcio Cespe/Unb/Cesgranrio, responsável pela aplicação do Enem 2012 e pela mobilização e capacitação dos colaboradores.

de pesquisadores da UOL/DGP e oferecida pelo consórcio aplicador. Para atuação como CLA no Enem 2012, era necessário que o participante atingisse um determinado percentual de acertos nas avaliações 1 e 2, aplicadas ao final da capacitação.

1.1 JUSTIFICATIVA

A avaliação externa é adotada pelos governos federal, distrital, estaduais, municipais como instrumento principal de subsídio ao planejamento, formulação, consecução, acompanhamento e revisão das políticas públicas educacionais e da gestão das redes de ensino.

A consolidação do Inep como executor de avaliações em larga escala levou ao aprofundamento de estudos e pesquisas sobre conteúdo e tipos de prova. Depois de 1998, a Teoria de Resposta ao Item (TRI) vem sendo utilizada progressivamente nas avaliações concebidas e preparadas pela equipe do Inep. No entanto, não há investigação sobre a atuação da equipe de campo nos dias da aplicação.

A relevância e a importância do CLA na ambientação sugerem aprofundamento no estudo de suas competências atuais e de suas competências desejáveis.

Uma expressiva fonte de variação pode estar nos locais de aplicação e na determinação do CLA e de sua equipe de trabalho. Grandes desigualdades percebidas em sua capacitação podem afetar o desempenho do grupo de participantes daquele local, apresentando diferenças não necessariamente nos conhecimentos e habilidades desses participantes, mas sim na ambientação. Essa disparidade de ambientação nos locais de aplicação pode favorecer as desigualdades entre os locais e dificultar a comparabilidade das análises dos resultados.

Aplicar um exame em larga escala requer a promoção/a garantia de ambientação que propicie ao participante a consecução plena de seus conhecimentos e habilidades. É importante que o Inep, mediante o consórcio aplicador contratado, propicie condições físico-ambientais, equipe de campo e gestor de local de aplicação com perfil e características que estimulem e viabilizem as interações humanas, visando à padronização em nível nacional e à equidade de oportunidades durante a aplicação das provas. O *genius loci*³ gera fidedignidade, confiabilidade e comparabilidade aos resultados, permitindo sua análise.

A dinâmica da operacionalização e da logística de aplicação de exames censitários nacionais em larga escala sustenta uma estratificação

³ Caráter, espírito do lugar.

do menor para o maior entre os locais de aplicação, municípios, estados, Distrito Federal e regiões, reforçando a desigualdade de ambiência avaliativa.

As funções atuais do CLA e da equipe de campo de aplicação de exames censitários nacionais orientam a necessidade de consumo, produção e disseminação de conhecimentos específicos inerentes ao momento e ao local de aplicação desses exames pela equipe de pesquisadores do Inep.

O Programa de Pós-Graduação em Métodos e Gestão da Avaliação (PPGMGA) suporta estudos e pesquisas em metodologias estatísticas avançadas e na gestão de processos avaliativos, caracterizando-se

pela pesquisa e desenvolvimento de metodologias em avaliação, com base em métodos quantitativos, visando ao aperfeiçoamento desses processos no que tange ao gerenciamento, tomada de decisão, planejamento e execução de pesquisa, aplicação de instrumentos e coleta e análise de dados.

Portanto, esta dissertação é pertinente à linha de pesquisa em gestão da avaliação.

A gestão ambiental dos locais de aplicação é uma dimensão não estudada na concepção de exames. Para a consecução de avaliações aplicadas nacionalmente em larga escala, faz-se necessária a condução de pesquisas que visem auxiliar e municiar a equipe de pesquisadores do Inep no planejamento e na implementação de ambiência avaliativa e na gestão ambiental de exames e avaliações nos dias de aplicação destes.

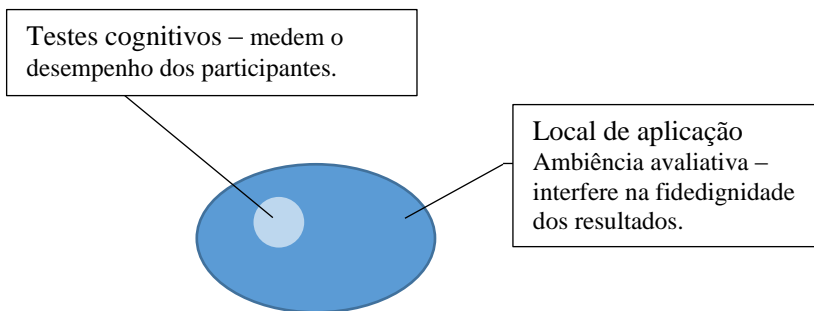
Pretende-se nesta pesquisa uma revisão integrativa da literatura sobre a temática da gestão ambiental de locais de aplicação de exames: ambiência, influência do ambiente escolar, gestão e avaliações em larga escala. Complementarmente, procura-se analisar o perfil do CLA no Enem 2012 e sua capacitação.

Este estudo visa subsidiar o planejamento e a implementação de ambientes e de ambiência no momento de aplicação de testes, exames e avaliações conduzidos pela equipe do Inep, ou seja, o local de aplicação planejado ambientalmente como suporte aos participantes de testes cognitivos (Figura 2), e voltar a atenção ao participante das avaliações censitárias nacionais em ambiência de saúde avaliativa, como garantia de obtenção da devida fidedignidade dos resultados desse processo.

Trata-se de entender como o espaço – sistema de barreiras e permeabilidades (luz e sombra, cheios e vazios) – interfere em nossos movimentos e como a ambiência – resultado de uma dada configuração espacial, somada ao efeito psicológico transmitido por um grupo de pessoas em um determinado momento – afeta nossos modos, nosso jeito de interagir e nossa forma de responder aos estímulos, oferecendo maior ou menor facilidade de ação; ou seja: trata-se de compreender as relações entre o ambiente avaliativo e o modo como os participantes de testes, no momento da aplicação, agem e reagem. Isso se configura como uma sintaxe espacial avaliativa dos locais de exames, derivada de um papel não passivo da arquitetura, do espaço arquitetônico, do ambiente e da ambiência.

Em especial, este estudo permitirá às equipes do Inep envolvidas na concepção das avaliações e, ainda, na concepção e implementação da ambiência avaliativa, optar por melhores práticas e implementações na ambientação de provas e avaliações em larga escala.

Figura 2 – Ambiência avaliativa: testes e local de aplicação



Fonte: Elaborada pelo autor.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A procura da ambiência avaliativa eficaz é uma dimensão não estudada na concepção e na aplicação de exames censitários nacionais desenvolvidos pela equipe de pesquisadores do Inep.

Conforme Machado (2013), o processo metodológico de coleta de dados exige atenção para que os resultados não fiquem prejudicados.

Porém, pouca ou nenhuma pesquisa investiga o ambiente e a ambiência proporcionada aos participantes das avaliações em larga escala.

Questionamentos sobre a ambiência do local de aplicação de exames em larga escala não aparecem na literatura acadêmica. Estudos que abordam e envolvem a discussão sobre o ambiente escolar e da sala de aula (SOARES, 2003) e sua influência no aprendizado e na proficiência do alunado configuram uma produção tendente a se tornar gradualmente presente no debate educacional.

Nesta pesquisa, acredita-se na necessidade de uma concepção de modelo de atenção e gestão, conforme Kantorski *et al.* (2011), que considere a importância da ambiência e a centralidade do participante nos processos avaliativos.

O artista plástico mineiro Marcos Mazzoni, em sua interpretação icônica de texto jornalístico⁴ do português Simão Ferreira Machado,⁵ ilustrou “a figura que representava a Igreja Matriz do Pilar, com exuberantes ornamentos, portando um estandarte com a inscrição ‘Nossa Senhora do Pilar’ em um dos lados, do outro o desenho da custódia eucarística”. Entretanto, o artista modificou a inscrição do estandarte para: *Et ad me conversio ejus* (“São para mim as atenções”) (Figura 3). Lembro essa obra para adaptar a frase à necessidade de humanização e ambiência na aplicação dos exames e das avaliações em larga escala conduzidos pela equipe do Inep: São para os participantes as atenções.

⁴ Livro *O triunfo eucarístico exemplar da Cristandade Lusitana*. Publicado em Lisboa no ano de 1734. Considerado o “primeiro documento de interesse literário a reportar às manifestações de um estilo de vida barroco na sociedade mineradora do século XVIII”. Para Fernandes, 2009 “é narração que registra a festa homônima realizada a 24 de maio de 1733 em Vila Rica, quando do traslado do Santíssimo Sacramento da Capela de N. S^a do Rosário dos Pretos de volta para a nova Igreja Matriz de N. S^a do Pilar no dia da consagração desta última”.

⁵ Português residente em Vila Rica, Minas Gerais à época do evento, no ano de 1733. Provável secretário do Conde das Galvêas, então governador da província.

Figura 3 – Marcos Mazzoni (1932-2000). *Nossa Senhora do Pilar* (1980)



Fonte: Acervo e fotografia de Marcos Mazzoni Filho.

Partindo do pressuposto que a ambiência de prova interfere no desempenho do participante e influencia nos resultados obtidos, então como preparar o ambiente de aplicação de exames em larga escala? Como alcançar a saúde avaliativa? Como preparar a equipe de campo? Qual o papel do CLA nesta proposta?

1.3 OBJETIVO GERAL

Propor um perfil para o gestor da ambiência avaliativa para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar a influência ambiental no desenvolvimento de habilidades (pensamento, raciocínio, memória, atenção, criatividade, capacidade de resolução de problemas) do sujeito.
- Analisar a capacitação do CLA no Enem 2012.
- Investigar os resultados da capacitação presencial do CLA sob a ótica da gestão da ambiência.

1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

O problema abordado nesta dissertação é a ambiência de locais de avaliação em larga escala – uma dimensão não estudada na concepção e na aplicação de exames censitários nacionais – e seu estudo se desenvolve conforme a seguir.

A introdução trata do percurso e do objeto da investigação e inclui a contextualização, a justificativa, o problema, os objetivos da pesquisa e apresenta os procedimentos metodológicos.

O segundo capítulo apresenta o referencial teórico construído a partir da revisão integrativa da literatura sobre quatro temas da análise da gestão ambiental dos locais de aplicação do Enem 2012:

- 1) ambiência;
- 2) influência do ambiente escolar;
- 3) gestão e liderança; e
- 4) avaliações em larga escala.

Numa visão integradora, apesar de distintos autores e diversos temas, a revisão de literatura procurou demonstrar, em ordem cronológica, a evolução desses temas, sem perder o foco do objetivo geral da pesquisa: gestão ambiental de locais de aplicação de exames censitários nacionais.

No terceiro capítulo apresenta-se o estado da arte sobre o tema, a partir de estudos de pesquisadores e estudiosos que articulam ideias em torno do problema proposto, e a definição de temas que permeiem ou tangenciem a gestão ambiental de locais de aplicação de exames.

Assim, o terceiro e o quarto capítulos são espaços longos de reflexão, estruturação, apresentação de resultados e discussão da ideia central da dissertação, além de mostrarem as etapas do desenvolvimento

do estudo sob a ótica da gestão ambiental de locais de aplicação de avaliações em larga escala: a análise da capacitação do CLA para atuação no Enem 2012 e análise dos instrumentos de avaliação números 1 e 2 aplicados ao final da capacitação.

O quinto capítulo é reservado às considerações finais, às perspectivas para a gestão ambiental avaliativa e às conclusões para uma gestão ambiental avaliativa e um novo papel do Gestor Ambiental de Exames (GAE).

1.6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Procura-se demonstrar a forma de condução deste estudo, seguindo proposta de Silva e Meneses (2005): analisar, avaliar e apresentar as características do método para a consecução dos objetivos geral e específicos propostos e entender as potencialidades e as possíveis limitações de sua utilização.

Esta pesquisa pode ser considerada um estudo de caso, pois investiga o Enem 2012 quanto à capacitação do CLA sob a ótica da gestão da ambiência na aplicação do exame.

Assim, caracteriza-se como um estudo quantitativo e qualitativo e como uma pesquisa empírica de caráter eminentemente prático, com a análise da capacitação do CLA do Enem 2012 à luz da gestão ambiental em locais de aplicação de exames em larga escala. Caracteriza-se também como um estudo transversal a partir dos dados dos CLAs que atuaram no Enem 2012, visando fornecer uma indicação da dinâmica de construção do ambiente avaliativo na aplicação de um exame censitário nacional.

Trata-se, ainda, de uma pesquisa exploratória, nos termos de Gil (1991, *apud* SILVA; MENESES, 2005), pois visa explicitar a gestão ambiental nos locais de exames CLA do Enem 2012 e porque, do ponto de vista de seus objetivos, visa ampliar o conhecimento, iluminar uma dimensão oculta da gestão da ambiência nos locais de aplicação de exames em larga escala e construir hipóteses, envolvendo a revisão integrativa de literatura sobre o tema ambiência e o estudo da capacitação do CLA do Enem 2012.

O método utilizado baseia-se na referida revisão integrativa de literatura (SOUZA, SILVA, CARVALHO, 2010; JUNG, 2003), voltada para a gestão ambiental de exames. A revisão integrativa mostra o cenário do que estão dizendo os pesquisadores sobre ambiência, gestão e influência do ambiente escolar e permite vislumbrar a necessidade de

uma ambiência avaliativa saudável nos exames e nas avaliações concebidos e implementados pela equipe de pesquisadores do Inep.

São estas as etapas a serem conduzidas/executadas nesta investigação:

1. análise do edital do Enem 2012;
2. revisão integrativa de literatura sobre ambiência, influência do ambiente e gestão;
3. análise da capacitação do CLA no Enem 2012;
4. proposição de conteúdos de gestão ambiental de exames;
5. considerações finais e conclusão.

1.6.1 Análise do edital do Enem 2012

O edital do Enem 2012 é o documento que legisla sobre o exame e tem força de lei para ele.

Buscam-se identificar pontos de atenção ao participante, bem como regras para o planejamento, a concepção e a implementação dos locais de prova.

1.6.2 Revisão integrativa de literatura sobre ambiência, influência do ambiente e gestão

Estudos resultantes de revisões sistemáticas da literatura oferecem conhecimento profundo e abrangente em relação a um determinado tema. Entre essas abordagens, apresenta-se a revisão integrativa de literatura e pesquisa, que, de modo crescente, tem sido aplicada na produção científica.

1.6.3. Análise da capacitação do CLA no Enem 2012

Este segmento trata da análise (relação quantitativa e qualitativa) da capacitação oferecida pelo consórcio aplicador do Enem 2012 aos colaboradores que participam como coordenadores de local de aplicação (CLA).

Em 2012, em todo o Brasil, atuaram aproximadamente 11 mil CLAs do Enem. Na capacitação destes, foram utilizados dois instrumentos de avaliação. Para atuarem na função de CLA Enem 2012, os participantes deveriam obter aproveitamento mínimo de 70% nos questionários.

O Cespe/UnB disponibilizou um banco de dados com as respostas ao Instrumento de Avaliação nº 1, de 3 mil participantes das capacitações conduzidas previamente como requisito para atuação na função de CLA.

1.6.4 Proposição do perfil de um gestor ambiental de exames

Apresentamos neste segmento uma análise e uma proposição para a implementação da ambiência avaliativa e da gestão ambiental de exames. Analisa-se tangencialmente o perfil desejado do gestor educacional, para cotejá-lo com o perfil desejado do gestor ambiental do local de aplicação de exames e avaliações conduzidos pelos pesquisadores do Inep.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ambiência avaliativa é uma dimensão não estudada na concepção e na implementação dos locais de exames, testes e avaliações, aplicados nacionalmente em larga escala. Segundo Machado (2013), esse processo de coleta de dados deve exigir mais atenção para que os resultados não sejam prejudicados.

A organização do espaço físico constitui por si só uma mensagem e reflete o modelo de avaliação e a escolha conceitual sobre o exame e sobre o desenvolvimento dos conhecimentos de seus participantes e dos resultados obtidos.

Poucos pesquisadores investigam o ambiente e a ambiência proporcionada aos participantes de eventos em larga escala. A ambiência, travestida de clima escolar, aparece em estudos e pesquisas nacionais e internacionais (PRICE, 2012).

Questionamentos sobre a ambiência em sala de aula e, especificamente, no local de aplicação de exames não aparecem na literatura acadêmica educacional brasileira. Estudos que abordam e envolvem a discussão sobre o ambiente escolar e da sala de aula (SOARES, 2003) e sua influência no aprendizado e na proficiência do alunado tendem a se tornar gradual e progressivamente importantes no debate educacional.

Nesta pesquisa procuraram-se alguns temas que podem auxiliar no planejamento e na implementação da ambiência avaliativa e da gestão ambiental dos exames como, por exemplo:

- influência do ambiente escolar;
- gestão e liderança;
- avaliações em larga escala; e
- ambiência.

2.1 AMBIENTE ESCOLAR

A arquitetura pode ser vista como ferramenta facilitadora de mudanças no processo de aplicação de exames e avaliações censitários, nacionais e em larga escala. A ambiência discutida isoladamente não muda o processo – este se relaciona com a postura e o entendimento do gestor ambiental e de sua equipe de campo. É um instrumento de construção do espaço dinâmico – ambiente físico *versus* temporalidade.

Em seu estudo, Soares (2003) comprova que as características do professor e do ambiente em sala de aula afetam decisivamente o rendimento dos alunos.

Soares e Andrade (2006) se preocupam em compreender quais fatores escolares podem aumentar o desempenho cognitivo dos estudantes. Demonstram que entre os vários fatores que influenciam o desempenho cognitivo do alunado destaca-se o “efeito da escola”.

Para Franco *et al.* (2007), o clima acadêmico é um dos fatores associados à eficácia escolar. Franco apresenta a alta relevância de variáveis relativas ao clima acadêmico da escola. Os resultados do trabalho de Franco *et al.* “ênfatizam que a escola faz diferença, em especial por meio do clima acadêmico da escola”. Entretanto, o clima acadêmico aqui enfatiza principalmente:

- 1) passar e corrigir dever de casa;
- 2) organizar um cantinho de livros dentro da sala de aula; e
- 3) manter um bom clima disciplinar.

Na mesma linha, para Alves e Franco (2008), o clima acadêmico é pensado para as necessidades acadêmicas no processo de ensino e aprendizagem e evidencia o efeito das escolas na eficácia escolar.

A interação com as pessoas e os espaços utilizados para as atividades, conforme Bhering e Abuchaim (2011), define a amplitude e a complexidade das oportunidades no processo de ensino e aprendizagem.

Estes estudos mostram que a atmosfera de aprendizagem tem influência positiva direta sobre a proficiência e que o ambiente de aprendizagem pode melhorar o desenvolvimento cognitivo do alunado.

Price (2012) constata que as atitudes de diretores e professores criam uma atmosfera de aprendizagem, que pode ser denominada como clima escolar. Conclui que as relações interpessoais entre diretores e professores influenciam as atitudes profissionais educacionais e, por conseguinte, definem o ambiente escolar e, de forma mais ampla, o clima escolar. As ações do diretor, por sua posição de centralidade e liderança, moldam diretamente o clima em sua escola.

Em estudo sobre o ambiente de aprendizagem e o desenvolvimento cognitivo dos alunos de faculdades, Pascarella *et al.* (2013) analisam dados longitudinais de 17 instituições nos Estados Unidos, para determinar como ambientes distintos impactam as habilidades de pensamento crítico e na cognição do alunado.

O conceito de clima escolar é o mais próximo dos conceitos de ambiente e de ambiência na escola e na sala de aula. Entretanto, o clima

na sala de aula, na maioria das vezes, é entendido como a capacidade disciplinar do professor e sua capacidade de manter os alunos em silêncio.

2.2 GESTÃO E LIDERANÇA

Liderança é um aspecto intrínseco às organizações humanas. Segundo Reis (2010), nos primeiros estudos sobre liderança, os pesquisadores acreditavam ser uma característica pessoal, um traço da personalidade do indivíduo: líderes nasciam líderes. Os estudos e as pesquisas iniciais sobre liderança procuravam identificar o líder, desconsiderando contexto, interação e comportamentos.

Em 1950, surgiu a teoria comportamental, visando analisar o impacto do comportamento do líder na eficácia da organização, mudando o foco das características pessoais do líder para a dinâmica comportamental – a forma de atuar do líder impacta a produção de melhores resultados e a satisfação dos subordinados (REIS, 2010). A teoria da liderança situacional acrescenta o ambiente na ação do líder e o comportamento da equipe – maturidade dos indivíduos e ambiente organizacional. A teoria situacional defende que a liderança pode ser desenvolvida, ou seja, que as pessoas podem ser treinadas para o exercício da liderança.

Nas definições do conceito de liderança, encontram-se alguns elementos constitutivos comuns: influência, grupo e objetivo. O líder tem o papel de influenciar o grupo e o comportamento do indivíduo. Liderar é um relacionamento entre líder e liderados e se caracteriza pela confiança e pelo respeito mútuo (KOUZES; POSNER, 2008). Alguns pesquisadores estudam as diferenças entre líderes transacionais e transformacionais. Nestes dois tipos é importante o caráter motivacional entre líder e liderado. Para outros pesquisadores, a importância está na orientação de uma visão compartilhada, capaz de criar mobilização e esforços no sentido de obtenção de sucesso dos objetivos organizacionais (REIS, 2010).

Para alguns autores, o conceito de liderança é polêmico e de difícil definição. Liderança é uma forma de influência – vários autores se referem à capacidade de influenciar pessoas – e liderança representa a capacidade de influenciar pessoas para a ação, de exercer influência sobre os outros (HUNTER, 2004). Vários autores consideram liderança como uma influência interpessoal entre líder e liderados para a consecução de um ou mais objetivos (KOUZES; POSNER, 2008; REIS, 2010).

Na última década (2000 a 2010), eventos de treinamento e capacitação de líderes têm procurado investir na identificação, na estimulação e na potencialização dos atributos que caracterizam os líderes eficazes (REIS, 2010). Nesses atributos identificam-se três categorias:

- 1) quem o líder é (valores, motivações, traços pessoais, caráter);
- 2) o que o líder sabe (habilidades, competências); e
- 3) o que o líder faz (hábitos, comportamento, estilos).

Diversos autores pontuam diferentes tipos de liderança: carismática, visionária, transacional, transformacional, participativa e de alta *performance*. A liderança carismática depende da percepção das pessoas e envolve relacionamento entre o líder e o liderado.

De acordo com Couto-de-Souza e Tomei (2008), a liderança transacional baseia-se na troca de recompensas por serviços. O processo de liderança é entendido como a ocorrência de transações com benefícios mútuos entre o líder e a equipe em determinado contexto.

Na liderança transformacional, o líder tem paixão por um ideal, inspira e motiva seus liderados a transcender seus próprios interesses para a consecução do objetivo comum. O líder transformacional tem foco no desenvolvimento das pessoas e na busca de desempenho – possui carisma, inspiração, dá atenção a cada indivíduo e produz mudanças.

A liderança participativa leva em consideração os valores do líder e da equipe, as condições de trabalho e o ambiente. Dessa maneira, permite a configuração de questões que refletirão a cultura organizacional e que focam a cooperação e as relações de confiança. O líder participativo estimula a aprendizagem, o conhecimento, a experimentação, a inovação, a autonomia sustentada, a comunicação e amplia as oportunidades.

As atitudes influenciam o comportamento – o desenvolvimento e a manutenção de determinadas atitudes podem influenciar a qualidade dos resultados. No caso do CLA, envolve uma boa habilidade no relacionamento com a equipe de campo e com os participantes de exames em larga escala. Assim, a atitude positiva esperada do CLA e a produção de ambiência propícia ao desenvolvimento de testes/exames podem agir/influenciar (ter correlação positiva) com o desempenho médio do grupo de participantes do local.

Gil (2011) estudou os papéis profissionais e abordou o perfil do líder em seus traços, comportamento e situações, e Gorrochotegui-

Martell (2011) descreveu um treinamento de liderança com 28 diretores, durante um ano, em uma pesquisa na qual foi aplicada uma parte do modelo de competências de liderança, que propõe várias competências e seus comportamentos característicos. As competências mais reforçadas foram comunicação e gestão de conflitos.

Bhatti *et al.* (2012) apresentam a teoria da liderança transformacional – a teoria mais aceita –, em que pessoas podem aprender habilidades de liderança-padrão de comportamentos de um líder quando lida com subordinados, e citam Lewin, Lippit e White (1939), que identificaram três estilos de liderança: autocrática, democrática e *laissez-faire*.

Price (2012) suspeita que o estilo de gestão e de liderança influencia as relações interpessoais entre diretor e professores e, teoricamente, essas relações, em última instância, definem o ambiente escolar mais amplo. Os diretores são figuras centrais, cujas ações moldam diretamente o clima em suas escolas. A pesquisa de Price, que cita diversos autores (1985 a 2010), constata que os diretores são especialmente influentes sobre o clima organizacional da escola e capazes de promover ambientes de cooperação.

Thieme e Trevino (2012) estudam estatisticamente a liderança transformacional e transacional do diretor de escola e utilizam os resultados como variáveis que explicam o desempenho da instituição escolar. Na variável percepção da eficácia no líder, as dimensões que mais forte se associam a essa variável são as transformacionais de motivação por inspiração e influência idealizada, mostrando que os professores são mais atuantes quando os diretores desempenham ativamente seu papel de liderança na escola. Há uma forte relação com o tipo de liderança exercida e o desempenho da equipe.

2.3 AVALIAÇÕES EM LARGA ESCALA

Segundo Horta Neto (2007), a partir do Saeb 1997, a avaliação da educação básica se consolida e sofre poucas modificações até 2007. O sistema apresentou como inovação a construção de uma escala de proficiência única para cada disciplina avaliada, permitindo a comparação entre ciclos. O caminho, entre o primeiro sistema de medições para levantamento de dados da educação, em 1906, e o sistema atual da avaliação da educação básica no Brasil, foi longo e a “institucionalização da avaliação como política de Estado resultou de um longo processo de estudos e de experiências concretas”.

Castro (2009) descreve e analisa os sistemas de avaliação da educação básica brasileira, focalizando a concepção, a metodologia e o processo de implementação.

Werle (2011) discute o panorama da educação brasileira, destacando os processos de avaliação em larga escala implementados nas décadas de 1990 e 2000. Foi no ano de 1988 que foram ensaiadas as experiências de avaliação em larga escala na educação básica, que, com reformulações importantes, ainda hoje estão em vigor. A autora entende o período de 2007 a 2011 como de estruturação e consolidação de um quadro de ação política referente a processos externos de avaliação em larga escala no Brasil. A avaliação passa de um nível de diagnóstico para o de significados pautados pelo pragmatismo e pela operacionalização.

O Sistema de Seleção Unificada (Sisu), criado e gerenciado pelo Ministério da Educação, consolida a cultura de avaliação em larga escala, em especial o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e seus resultados. Adotado como prova única de seleção para instituições de ensino superior, o Enem tende a ser, gradual e progressivamente, utilizado por um maior número de instituições de ensino superior públicas: universidades federais, universidades estaduais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia, bem como instituições particulares.

Essa incorporação de mentalidade do Estado avaliador passa pelo acesso à educação superior e, na educação básica, outros processos avaliativos foram introduzidos, como a Prova Brasil e, recentemente, a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), que passou a avaliar, desde 2013, a oferta da alfabetização e o letramento em língua portuguesa e a alfabetização em matemática ao final do ciclo de alfabetização – 3º ano do ensino fundamental.

Gaikwad (2012) define medição e avaliação e a importância de algumas características essenciais à avaliação: validade, confiabilidade, objetividade, imparcialidade e usabilidade.

Gatti (2013) discute os fundamentos das avaliações em larga escala e discorre sobre os vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil.

Para Machado (2013), a avaliação externa veio para ficar e há uma tendência crescente de implantação de políticas veiativas no país, com conseqüências que impactam cada vez mais as escolas. O autor destaca a necessidade de maior cuidado na coleta dos dados e na aplicação das provas.

Minhoto (2008) examina as implicações da terceirização da responsabilidade de operacionalizar o Enem. Constata que, apesar de a

relação entre poder público e instituições privadas ser tratada pelas partes como vantajosa, manifestam-se contradições e problemas importantes no processo de terceirização do exame.

A concepção do Enem é de responsabilidade da equipe de pesquisadores da Coordenação-Geral de Concepções e Análises Pedagógicas (Cgcap), da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb). A aplicação, segundo Gonçalves e Sousa (2012), é de responsabilidade do Inep, e a gestão é realizada pela equipe da Diretoria de Gestão e Planejamento (DGP).

2.4 AMBIÊNCIA

A ambiência - dimensão oculta na gestão dos locais de aplicação de exames em larga escala, tema desta dissertação, que visa à gestão ambiental dos locais de aplicação de avaliações, testes e exames e está voltada para o participante, Segundo Nogueira (2000), é “a totalidade dos fenômenos que nos rodeiam” e, assim, deve ser implementada pelo Gestor Ambiental de Avaliações (GAE), função que poderia substituir a do atual CLA.

Na construção da ambiência, é necessária a compreensão de alguns conceitos: espaço, ambiente, ambiência, sintaxe espacial. Nesse processo, o espaço é concebido como um “sistema de barreiras e permeabilidades (cheios e vazios) que interfere em nossos movimentos sobre o chão”. O ambiente natural e o construído, a partir de uma determinada configuração espacial que influencia na interação interpessoal física e psicológica, afetando o desenvolvimento cognitivo do sujeito e proporcionando maior ou menor facilidade de ação.

Thiry-Cherques (2006) trabalha com o conceito de *habitus*, de Bourdieu, concebido como “um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada”. A ideia de *habitus* pode se expandir e evoluir para a de ambiência, formadora de um todo indissociável de espaço físico e psicológico.

Na linha da qualidade do ambiente, segundo Bhering e Abuchaim (2011), “A relação e a interação com as pessoas, os recursos alocados e os espaços utilizados para as atividades definem a amplitude e a complexidade das oportunidades para o processo de aprendizagem” e nos permitem ampliar e desenvolver a ideia para os momentos de avaliação em larga escala – momento de estresse⁶ para participantes e

⁶ Desgaste físico e mental causado por determinados estímulos externos.

para a equipe de campo do consórcio aplicador. A humanização da aplicação de exames e avaliações padronizados permite minimizar o desgaste desse processo e ampliar a fidedignidade das respostas dos participantes com igualdade de saúde e ambiência avaliativas.

A sintaxe espacial vista como papel ativo da arquitetura na subjetividade trata da compreensão das relações entre o sujeito e o ambiente, ou seja, do modo de agir das pessoas e como elas realizam suas atividades e se locomovem no ambiente.

A preocupação com a ambiência como subsídio ao trabalho educativo (NOGUEIRA, 2000) começa com as noções de corporalidade e de ambiente e com a interação entre sujeito e ambiente. Assim, há a necessidade de conhecer os diversos fatores que atuam na formação do ambiente e na ambiência. É preciso entender “Ser Humano e ambiente como totalização; ambos são relação e processo” e “Compreender Ser Humano e ambiente físico e psicológico simultaneamente”.

Em 2009 foi realizado um estudo de caso do Centro de Assistência Psicossocial (Caps) de Alegrete (RS), com o objetivo de avaliar qualitativamente sua estrutura mediante a ambiência. O estudo foi fundamentado numa “avaliação de quarta geração, construtivista, responsiva e com abordagem hermenêutico-dialética” (KANTORSKI *et al.*, 2011). A estrutura do Caps Alegrete foi um aspecto forte na avaliação da ambiência. Segundo Kantorski *et al.* (2011), a falta de recursos humanos e materiais no Caps não interfere diretamente na satisfação dos usuários com a ambiência, o que demonstra a força da subjetividade na criação desta.

A ambiência é preocupação também em um artigo sobre grupos de caminhada, de Warschauer e D’Urso (2009). Corporalidade e humanização de espaços são preocupações desses estudos nas áreas de saúde, assim como a ambiência em cartilha do Ministério da Saúde (2004). Para Nogueira (2000), na área educacional é importante a noção transversal de ambiente como subsídio ao trabalho educativo.

Para Bhering e Abuchaim (2011), numa perspectiva humanista e bioecológica, a organização espaço-temporal e “a relação e interação com as pessoas, os recursos alocados e os espaços utilizados para as atividades definem a amplitude e a complexidade das oportunidades para o processo de aprendizagem” e são importantes para o desenvolvimento humano.

A importância da ambiência e do ambiente físico é reconhecida na área médica/da saúde, notadamente pelos profissionais de enfermagem, que lidam diretamente com o paciente. Esse exemplo tem nítida

correlação com o gestor ambiental, pois este lida diretamente com os participantes nos dias da aplicação do exame.

Segundo a cartilha *Ambiência*, Ministério da Saúde (2013), do Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização da Secretaria de Atenção à Saúde do Ministério da Saúde, a ambiência na saúde refere-se ao tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção humana, Kantorski *et al.* (2011).

O conceito de ambiência em arquitetura é um avanço qualitativo no debate sobre a humanização dos territórios de encontros. Além da composição técnica, simples e formal dos ambientes, pensam-se as situações que são construídas. Essas situações são construídas em determinados espaços e num determinado tempo e vivenciadas por uma grupalidade – um conjunto de pessoas.

Ainda na cartilha citada, o conceito de ambiência apresenta três eixos:

- 1) o espaço que visa à confortabilidade, valorizando elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia;
- 2) o espaço, que possibilita a produção de subjetividades, o encontro de sujeitos; e
- 3) o espaço usado como ferramenta facilitadora do processo de trabalho, favorecendo a otimização de recursos e o atendimento humanizado.

Esses três eixos devem estar sempre juntos na composição de uma ambiência.

Em diversos estudos, a ambiência aparece transfigurada em clima, clima escolar, ambiente (PASCARELLA, 2013; SOARES, 2003) e em efeito escola (ALVES; FRANCO, 2008; SOARES; ANDRADE, 2006).

Thiry-Cherques (2006), de acordo com Bourdieu (2001), diz que o *habitus* conforma nossa forma de agir, e que *habitus* e ambiência são conceitos que ampliam a questão de ambiente, de mobilidade e de infraestrutura. O autor sugere que a formação da ambiência avaliativa saudável é fundamental para a consecução de exames e avaliações censitários planejados, concebidos e aplicados nacionalmente pela equipe de pesquisadores do Inep, auxiliados pelo consórcio aplicador.

2.5 AVALIAÇÃO NO BRASIL

O sistema educacional brasileiro está legalmente organizado em dois níveis: educação básica e superior. A educação básica divide-se em três níveis: 1) educação infantil – crianças de 0 a 4 anos; 2) educação fundamental obrigatória – alunos de 5 a 14 anos; e 3) ensino médio – jovens de 15 a 17 anos.

É um sistema descentralizado, sendo que a educação infantil e a educação fundamental são de responsabilidade dos municípios, enquanto o ensino médio é, prioritariamente, responsabilidade dos estados.

O governo federal tem função normativa e redistributiva dos recursos na educação básica, define as regras e envia os recursos para as unidades federativas. Esse formato visa garantir a equidade dos gastos educacionais em todo o território brasileiro.

O acompanhamento e o monitoramento desse sistema são feitos anualmente por avaliações externas e pelo Censo Escolar. Os dados⁷ assim obtidos permitem a produção de pesquisas e relatórios sobre programas e políticas públicas para a educação básica.

No Brasil, Gatti (2013), Bonamino e Sousa (2012), Werle (2011) e Castro (2009), entre outros pesquisadores, são assertivos ao afirmar que, nos últimos 25 anos, o Estado brasileiro se preocupou com a avaliação educacional para o acompanhamento e o monitoramento dos sistemas educacionais, visando auxiliar na formulação, na implementação e na revisão de políticas públicas educacionais. Gaikwad (2012) apresenta conceitos básicos e uma definição de avaliação como processo sistemático de colocação de julgamento de valor sobre dados de informações disponíveis com referência a um padrão predeterminado ou um critério com a finalidade de tomar decisões significativas. Para a fidedignidade dos resultados de uma avaliação ou exame, é importante considerar o ambiente e a ambiência (Ministério da Saúde, 2013) como fatores de humanização de territórios que impactam o desempenho cognitivo dos participantes (SOARES; ANDRADE, 2006).

Gaikwad (2012), além das definições atuais de medição e avaliação, fala da tensão sobre os alunos em eventos de avaliação externa. Percebe-se aqui a necessidade de uma reflexão sobre o ambiente e, principalmente, sobre a ambiência nos locais de exames nacionais, aplicados em larga escala, conduzidos pela equipe de pesquisadores do Inep, assessorados por uma empresa aplicadora contratada.

⁷ Dados do Censo Escolar - Inep e Pesquisa Nacional de Amostragem Domiciliar (Phad) - IBGE.

A política de avaliação educacional, no Brasil, está consolidada como uma das mais abrangentes e eficientes do mundo (CASTRO, 2009), englobando diversos níveis e modalidades de ensino. O Inep é responsável pelos sistemas nacionais de avaliação da educação. Depois de anos de intenso trabalho, este é o momento de uma reflexão sobre o dia de aplicação dos exames e avaliações externos, censitários nacionais, realizados em larga escala.

A ambiência de prova depende do trabalho conjunto dos pesquisadores da Diretoria de Avaliação da Educação Básica (Daeb) e da Diretoria de Gestão e Planejamento (DGP) para a concepção e implementação de uma ambiência avaliativa igualitária. Estas diretorias são pilares da construção e gestão do Enem, e, na consecução de suas missões podem ser auxiliadas pelos temas estudados:

- influência do ambiente;
- gestão e liderança (seleção e capacitação dos gestores);
- avaliações em larga escala e no Brasil; e
- ambiência.

A organização do ambiente, do espaço físico e equipamentos, a seleção e capacitação de gestores de exames com preocupação em aspectos de liderança e relações interpessoais, a análise histórica das avaliações em larga escala e das avaliações no Brasil e o estudo da ambiência de prova são determinantes e contribuem para a equidade de aplicação em larga escala de exames e avaliações sob a responsabilidade da equipe de pesquisadores do Inep e, aplicados nacionalmente aos participantes.

3 ESTADO DA ARTE

O estudo da gestão da ambiência (a dimensão oculta nos exames em larga escala), pelos resultados de uma revisão integrativa da literatura, oferece um conhecimento profundo e abrangente em relação à gestão ambiental de exames e possibilitará decisões sobre a melhor condução dos trabalhos.

Entre as possíveis abordagens para uma revisão de literatura sobre determinado tema, pontua-se a revisão integrativa de literatura e pesquisa, que, de modo crescente, tem sido aplicada na produção científica. Consta-se esse fato pelo crescente volume de artigos que aplicam essa metodologia, publicados em periódicos nacionais e internacionais.

Na condução desta revisão integrativa, procura-se responder as seguintes questões, ao avaliar o conhecimento já produzido: O que é conhecido? Qual é a qualidade do que é conhecido? O que deve ser conhecido? Qual é o próximo passo para a investigação ou prática?

A revisão integrativa de literatura desta pesquisa foi desenvolvida e apresentada em 5 etapas:

- 1) formulação do problema;
- 2) coleta de dados ou definições sobre a busca da literatura na base dados Periódicos Capes;
- 3) avaliação dos dados;
- 4) análise dos dados; e
- 5) apresentação e interpretação dos resultados.

A revisão se caracteriza por uma análise crítica, própria de pesquisas primárias quanto à replicação, clareza e rigor científico. O tamanho da amostra considerou o período temporal de 2010 a 2014, podendo receber artigos anteriores e posteriores a esse período, frutos de pesquisas isoladas.

A apresentação da revisão contemplou a integração de definições, conceitos, pensamentos ou informações relevantes próprias dos autores cujas produções foram objetos de avaliação. O foco do relatório foram os resultados e as conclusões oriundos da análise e da discussão das informações extraídas dos artigos resultantes das pesquisas analisadas, em resposta aos objetivos ou a questão norteadora do estudo.

3.1 REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA

A revisão integrativa de literatura mostra o cenário do que estão dizendo sobre o tema. As fontes consultadas nesse tipo de revisão de literatura, em um período de tempo determinado, permitem uma visão atual sobre o que pensam pesquisadores e estudiosos sobre o tema.

Como já dito, esta investigação consiste em levantamento, pesquisa documental referenciada e revisão integrativa de literatura na base “Periódicos Capes”, no período de 2010 a 2014, visando artigos de pesquisadores nacionais e internacionais, notadamente nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola.

Os temas pesquisados foram: avaliação educacional, influência do ambiente escolar na proficiência do alunado, avaliações em larga escala, ambiência do local de aplicação, Enem, gestão e liderança.

Estudos e pesquisas sobre a ambiência do local de aplicação de exames, testes e avaliações em larga escala não aparecem na literatura educacional. Pesquisadores nacionais e internacionais se preocuparam com a influência do ambiente escolar e da sala de aula na proficiência do alunado. Fala-se de clima escolar como o mais próximo de ambiência na escola/na sala de aula. Encontra-se referência à ambiência na literatura médica como um ambiente saudável.

Pesquisaram-se oito termos referenciais nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola, na base de dados Periódicos Capes.

A Tabela 2 apresenta os descritores pesquisados e sua tradução para as línguas inglesa e espanhola, bem como os quantitativos de títulos antes e depois do critério de exclusão.

Tabela 2 – Busca por descritores na base “Periódicos Capes”, realizada nos dias 26 e 27 de abril de 2014

Item	Descritores	Resultados	2010-2014	Quantitativo
1.	Avaliação educacional	167	61	
	Educational evaluation	7.188	2.206	
	La evaluación educativa	61	41	
	Evaluación de la educación	124	40	2.348
2.	Gestão de local de aplicação	0		0
3.	Exames nacionais	36	26	
	National tests	1.825	189	
	Las pruebas nacionales	16	6	221
4.	Exames em larga escala	0		
	Avaliações em larga escala	15	10	
	Large-scale tests	2.370	215	
	Las pruebas em gran escala	0		225
5.	Provas padronizadas	4		
	Testes padronizados	35	25	
	Standardized tests	23.907	6.187	
	Pruebas estandarizadas	180	87	6.299
6.	Gestão educacional	127	36	
	Educational management	4.860	1.250	
	Gestión de la educación	30	11	1.297
7.	Processos avaliativos	49	20	
	Evaluative processes	1.303	234	
	Procesos evaluativos	124	24	278
8.	Políticas de avaliação	39	30	
	Assessment policies	1.071	353	
	Políticas de evaluación	41	22	405
		43.572		
Total de artigos				11.073

Fonte: Elaborada pelo autor.

Do total de 11.073 títulos, excluíram-se aqueles que não atendiam à proposta da pesquisa: gestão ambiental de locais de aplicação de exames, avaliações e testes. Após análise dos títulos desses artigos, optou-se pela leitura do resumo de 775 artigos. Depois da leitura desses resumos foram escolhidos 80 artigos para leitura integral. Após análise detalhada de conteúdo foram selecionados 9 artigos e acrescentados 28 artigos de pesquisas anteriores, realizadas ao longo de 2012 e 2013, totalizando 37 artigos, que compõem o referencial desta pesquisa.

Identificaram-se quatro temas:

1. influência do ambiente escolar;
2. gestão/liderança;
3. avaliação em larga escala; e
4. ambiência.

Os temas gestão, influência do ambiente escolar e avaliação em larga escala são os mais densos, e a revisão de literatura integrativa inclui artigos pesquisados isoladamente – são os temas que apresentam maior quantitativo: 13, 8 e 7, respectivamente. O número de artigos sobre gestão se explica por englobar também o tema liderança.

3.2 SÍNTESE DOS TRABALHOS CONSIDERADOS

Neste item, apresentam-se e analisam-se os artigos de interesse para a gestão ambiental de locais de aplicação de exames em larga escala.

3.2.1 Ambiente escolar

A influência do ambiente escolar é encontrada na literatura científica nacional e internacional de diversas maneiras: influência do professor, do gestor/diretor, do ambiente em sala de aula, do ambiente escolar, no desenvolvimento cognitivo do aluno e no processo de ensino e aprendizagem.

Apresentamos artigos anteriores a 2010, com importantes reflexões e pesquisas tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Percebe-se uma concentração de artigos nos anos de 2006 e 2007 e dois importantes artigos nos anos de 2003 e 2013. O de 2013, extremamente recente e atual, trata do ambiente de ensino e aprendizagem em faculdades de artes e sua correlação com o desenvolvimento cognitivo

do alunado e o de 2003, depois de 11 anos, ainda tem seu objetivo pertinente: avaliar o impacto que características do professor e do ambiente em sala de aula apresentam sobre a proficiência dos alunos.⁸

Bhering e Abuchaim (2011) citam o pesquisador Edward Melhuish, sobre a “importância de se avaliar a qualidade dos ambientes de Educação Infantil, uma vez que há várias evidências dos efeitos positivos” e destacam que “a relação e a interação com as pessoas, os recursos alocados e os espaços utilizados para as atividades definem a amplitude e a complexidade das oportunidades”.

O Quadro 1 apresenta os artigos com as seguintes informações: título, autor, periódico e ano de publicação.

⁸ Alunos das 4ª séries do ensino fundamental que fizeram os testes de Língua Portuguesa (Simave)-2002.

Quadro 1 – Referências sobre a influência do ambiente escolar

Ano	Artigo	Autor	Publicação
2003	Influência do professor e do ambiente em sala de aula sobre a proficiência alcançada pelos alunos avaliados no Simave-2002	SOARES, T. M.	<i>Estudos em Avaliação Educacional</i> , n. 28.
2006	Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte	SOARES, J.F.; ANDRADE, R. J. de.	<i>Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação</i> , v. 14, n. 50.
2006	Efeito do perfil do diretor na gestão escolar sobre a proficiência do aluno	SOARES, T. M.; TEIXEIRA, L. H. G.	<i>Estudos em Avaliação Educacional</i> , n. 34.
2007	Qualidade e equidade em educação: reconsiderando o significado de “fatores intraescolares”	FRANCO I. O. <i>et al.</i>	<i>Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação</i> , v. 15, n. 55.
2007	O efeito da escola básica brasileira: as evidências do Pisa e do Saeb	SOARES, J. F.; CANDIAN, J. F.	<i>Revista Contemporânea de Educação</i> , v. 2, n. 4.
2007	As relações entre os resultados da avaliação e os modelos de gestão escolar	Souza, A. R	<i>Intermeio</i> , v. 13, n. 25.
2011	A qualidade dos ambientes	BHERING, E.; ABUCHAIM, B.	<i>Avaliação Educacional</i> . n. 1
2013	How the instructional and learning environments of liberal arts colleges enhance cognitive development	PASCARELLA, E. T. <i>et al.</i>	<i>Higher Education</i> , 2013, p. 1-15

Fonte: Elaborada pelo autor.

T. M. Soares se preocupa, desde 2003, com as influências do professor, do diretor (gestão escolar) e do ambiente em sala de aula sobre a proficiência do aluno. J. F. Soares analisa, desde 2006, a

qualidade e a equidade nas escolas e o efeito destas sobre o desempenho do alunado. Em 2013, Pascarella analisa dados longitudinais, ao longo de quatro anos, de 17 instituições nos Estados Unidos, visando determinar como o ambiente instrucional e de aprendizagem das faculdades liberais de artes impactam positivamente o crescimento em habilidades de pensamento crítico necessárias para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Soares e Andrade (2006) e Soares e Candian (2007) estudaram o efeito das escolas no desempenho cognitivo de seus alunos. Os primeiros usaram como referência os dados do Sistema Mineiro de Avaliação Educacional (Simave) relativos a 2002. Os autores aplicaram técnicas estatísticas aos dados, para a produção de medidas de nível socioeconômico das escolas e do desempenho acadêmico de seu alunado. Analisaram os resultados das avaliações do Simave 2002 sob a ótica da equidade da escola. Soares e Candian utilizaram os dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) e do Programme for International Student Assessment (Pisa), para analisar efeitos da gestão e da infraestrutura escolar e pedagógica sobre a qualidade e a equidade no aprendizado/proficiência do alunado.

Nota-se nos dois trabalhos o uso de dados estatísticos obtidos de avaliações em larga escala com a intenção de mensurar variáveis sobre o desempenho de alunos e, a partir destas, inferir relações entre qualidade e equidade entre escolas. Os autores assumiram o pressuposto de que a saúde avaliativa, a ambiência avaliativa e o ambiente de aplicação foram iguais para os participantes e geraram resultados fidedignos.

3.2.2 Gestão e liderança

A gestão/liderança está representada por 13 documentos, sendo um deles um livro de 2011 que enfoca os papéis profissionais da gestão de pessoas. São três artigos anteriores ao período pesquisado na revisão de literatura (2003, 2005 e 2008), mas que contribuem para o estudo do tema proposto nesta dissertação, além de apresentarem um caráter inovador. Os demais artigos estão distribuídos entre 2011 e 2013.

Merece destaque a contribuição da literatura científica internacional, com quatro artigos em língua inglesa e três em língua espanhola, ou seja, 50% da literatura utilizada como referencial nesta dissertação.

O Quadro 2 apresenta os artigos com as seguintes informações: título, autor, periódico e ano de publicação.

Quadro 2 – Referências sobre gestão e liderança

Continua...

Ano	Artigo	Autor	Publicação
2003	A epistemologia da estratégia: uma proposta para a classificação de seu conteúdo	GAMA, J.; FISCHMAN, A.	CONGRESO SLADE, 16, Lima, Peru.
2005	Value innovation: a leap into the blue ocean	KIM, W. C.; MAUBORGNE, R.	<i>Journal of Business Strategy</i> , v. 26, n. 4.
2008	<i>Prêmio de inovação em gestão educacional</i>	INEP	Brasília: Inep
2011	<i>Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais</i>	GIL, A. C.	São Paulo: Atlas.
2011	Gestão escolar em instituições de ensino médio: entre a gestão democrática e a gerencial	CASTRO, A. M. D.A; NETO, A. C.	<i>Educação e Sociedade</i> , v. 32, n. 116.
2011	Em modelo de “coaching” em directivos escolares	GORROCHOTE GUI-MARTELL, A.	<i>Educación y Educadores</i> , v. 14, n. 2.
2012	A transição de contribuidor individual para líder: a experiência vivida pelo professor universitário	SILVA, F. M. V. da; Cunha, C. J. C. de A.	<i>Revista Gual</i> , Florianópolis, SC, v. 5, n. 1.

Quadro 2 – Referências sobre gestão e liderança

...Conclusão

Ano	Artigo	Autor	Publicação
2012	The impact of autocratic and democratic leadership style on job satisfaction	BHATTI, N. <i>et al.</i>	<i>International Business Research</i> , v. 5, n. 2.
2012	Principal–Teacher Interactions	PRICE, H. E.	<i>Educational Administration Quarterly</i> , v. 48, n. 1.
2012	Liderazgo em educacion: al final solo el carisma importa	THIEME, C.; TREVINO, E.	<i>Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociologia</i> , v. 21, n. 1.
2013	Validação fatorial de escala de atitudes frente a estilos de liderança	FONSECA, A. M. DE O.; PORTO, J. B	<i>Avaliação Psicológica</i> , v. 12, n. 2.
2013	Taxonomía de las estratégias	TAMAYO, H. V. B.	<i>International Journal of Knowledge and Management</i> , Florianópolis, SC, v. 2, n. 2.
2013	A Cultural Approach to Evaluating Leadership Development	EDWARDS, G.; TURNBULL, S.	<i>Advances in Developing Human Resources</i> , v. 15, n. 1.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em artigo de 2003, Gama e Fischman estudam a função da estratégia na área de administração e sua tipologia e abordam conceitos de gestão e planejamento estratégico. Kim e Mauborgne, em 2005, pesquisam a estratégia e a inovação em empresas para a criação do “oceano azul”, em que as empresas podem atuar sem concorrência – uma forma de minimizar riscos e maximizar oportunidades. Ainda em inovação, analisou-se documento do Inep sobre o prêmio de inovação em gestão educacional de 2008.

Soares e Teixeira (2006) e Souza (2007) estudam as relações entre as práticas gerenciais de diretores e o desempenho dos alunos. Os primeiros utilizam dados do Programa de Avaliação da Educação Básica do Sistema Mineiro de Avaliação Educacional (Proeb/Simave) 2002, e o segundo, do Saeb 2003. Os autores buscam identificar e ampliar as relações entre os estilos de gestão e o desempenho do alunado. Soares e Teixeira concluem que um número reduzido de alunos em escolas com diretores “amplamente democráticos”⁹ apresentam alta proficiência em Língua Portuguesa e Souza observa que os resultados do estudo sugerem relação positiva entre as características democráticas de gestão escolar e o aprendizado do alunado.

Os dois estudos, se replicados sobre a capacitação dos CLAs do Enem 2012, servem para identificar características desejáveis em um gestor ambiental de exames (GAE). A saúde avaliativa pode interferir nos resultados de desempenho de alunos em avaliações externas e censitários nacionais que serão utilizados como indicadores de sucesso (ou não) de políticas educacionais nos níveis municipal, estadual/distrital e federal de ensino.

3.2.3 Avaliações em larga escala

Neste tema utilizaram-se oito artigos, sendo dois anteriores ao período determinado para a revisão de literatura integrativa. Gatti (2002) apresenta um histórico da atividade de avaliação educacional no Brasil, com um importante texto reflexivo, e Horta Neto (2007) complementa esse histórico com a evolução da avaliação educacional no Brasil.

Castro (2009) descreve os sistemas de avaliação da educação básica brasileira focalizando a metodologia, a concepção e o processo de implementação deles. Werle (2011) faz um retrospecto das iniciativas do Estado brasileiro na implantação de avaliações em larga escala, desde 1988, discutindo os aspectos legais e as políticas públicas envolvidas.

O Quadro 3 apresenta os artigos com as seguintes informações: título; autor; periódico e ano de publicação.

⁹ Classificação utilizada pelos autores para diretores de escolas com alto desempenho na opção democrática em praticamente todas as dimensões avaliadas no Simave 2002.

Quadro 3 – Referências sobre avaliações em larga escala

Ano	Artigo	Autor	Publicação
2002	Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações	GATTI, B. A.	<i>Eccos. Revista Científica</i> , São Paulo, v. 4, n. 1, p. 17-41.
2007	Um olhar retrospectivo sobre a avaliação externa no Brasil: das primeiras medições em educação até o Saeb de 2005	HORTA NETO, J. L.	<i>Revista Iberoamericana de Educación</i> , v. 42, n. 5.
2011	Políticas de avaliação em larga escala na educação básica: do controle de resultados à intervenção nos processos de operacionalização do ensino	WERLE, F. O. C.	<i>Ensaio</i> , v. 19, n. 73.
2012	Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola	BONAMINO, A.; SOUSA, S. Z.	<i>Educação e Pesquisa</i> , São Paulo, v. 38, n. 2, p. 373-388.
2012	A New Trend In Educational Evaluation	GAIKWAD, D.	<i>Review of Research</i> , v. 2, n. 1, p. 202.
2013	Impactos da avaliação externa nas políticas de gestão educativa	MACHADO, C.	<i>Reice: Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio em Educación</i> , v. 11, n. 1.
2013	Possibilidades e fundamentos de avaliações em larga escala: primórdios e perspectivas contemporâneas	GATTI, B.	<i>Ciclo de debates Vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil – Origens e Pressupostos</i> . Florianópolis, v. 1.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Gaikwad (2012) apresenta uma nova tendência em avaliação educacional, ao elaborar conceitos e definições, bem como a validade e a confiabilidade de avaliações externas.

Gatti, em artigo de 2013, estuda a ambiência do local de aplicação de exames e avaliações como garantia de validade, confiabilidade e fidedignidade dos resultados obtidos, quando afirma que a base e a essência dos processos avaliativos de desempenho escolar em larga escala são as provas, e que estas “oferecem situações que permitem aquilatar a posse ou não de conhecimentos”.

Machado (2013) analisa a “trajetória das avaliações externas e seus possíveis impactos na gestão das políticas educativas” como tendência crescente, com consequências que “impactam cada vez mais na gestão e no cotidiano das escolas”. Em sua preocupação com o “desvelo na coleta dos dados e aplicação das provas”, o autor considera algumas questões relativas ao tema estudado nesta dissertação: gestão ambiental em locais de aplicação de exames e avaliações censitários, aplicados em larga escala.

Para Machado (2013), é necessário “desvelo na coleta dos dados e aplicação das provas”, para garantir que os resultados não fiquem prejudicados.

Neste estudo, trabalha-se com o nível de “avaliação da aprendizagem” em larga escala, de caráter censitário e aplicada nacionalmente. Portanto, daqui em diante, ao utilizar o termo “avaliação”, trata-se de avaliação de aprendizagem em larga escala, censitária, aplicada nacionalmente em um mesmo momento, conforme Freitas (*apud* BORGES; CALDERÓN, 2011).

3.2.4. Ambiência

Considera-se aqui a definição de Nogueira (2000), que trata ambiência como a “totalidade de fenômenos que nos rodeiam”, em que ambiência é subjetividade, conhecimento e ambiente, ou seja, a interação e a inter-relação entre sujeito e espaço físico e psicológico.

O estudo da ambiência na arquitetura é um avanço qualitativo na humanização de territórios. Depreende-se da citada cartilha do Ministério da Saúde (2013) que a gestão ambiental de um local de aplicação de exames e avaliações censitários nacionais deve ir “além da composição técnica, simples e formal dos ambientes, passando a considerar as situações que são construídas. Essas situações são construídas em determinados espaços e num determinado tempo, e vivenciadas por uma grupalidade”¹⁰.

¹⁰ Determinado grupo de pessoas com seus valores culturais e relações sociais.

Os artigos aqui apresentados apontam para a promoção de um ambiente saudável para o desenvolvimento das atividades humanas. Encontramos três artigos na área médica, um voltado para o conhecimento do corpo no espaço social e um projeto Ambiência, apresentados no Quadro 4.

Na área de saúde, Kantorski *et al.* (2011) avaliaram qualitativamente a estrutura (recursos materiais e humanos), através da ambiência, de um Centro de Assistência Psicossocial (Caps), no interior do Rio Grande do Sul. Em pesquisa com “grupos de interesse para compor o círculo hermenêutico-dialético e a observação de campo”, a estrutura do Caps foi um aspecto forte na avaliação da ambiência. Concluíram que “a falta de recursos humanos e materiais não interfere diretamente na satisfação dos usuários com a ambiência”.

Warschauer e D’Urso (2009) discutiram os conceitos de ambiência em duas experiências de grupos de caminhada. Trabalharam com a “concepção de prática corporal, que amplia o conceito de atividade física ao colocar o sujeito no centro das ações”, tendo como foco a promoção da saúde. Concluem que a ambiência e a formação de grupo são fatores fundamentais para a adesão à atividade física.

Quadro 4 – Referências sobre ambiência

Ano	Artigo	Autor	Publicação
2000	Projeto Ambiência	NOGUEIRA, A.	<i>Ambiência</i> : direcionando a visão do educador para o III milênio. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária.
2006	Pierre Bourdieu: a teoria na prática.	THIRY-CHERQUES, H. R	<i>Revista de Administração Pública</i> . Rio de Janeiro, 40(1).
2009	Avaliação qualitativa de ambiência num Centro de Atenção Psicossocial	KANTORSKI, L. P. <i>et al.</i>	<i>Ciência & Saúde Coletiva</i> 16 (4).
2010	Ambiência e formação de grupo em programas de caminhada	WARSCHAUER, M.; D'URSO, L.	<i>Saúde e Sociedade</i> , v. 18, supl. 2.
2013	<i>Ambiência</i>	MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política de Humanização	<i>Ambiência</i> . 2. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

Fonte: Elaborada pelo autor.

Em comum esses documentos trabalham o conceito de ambiência como promotora de saúde, colocando o sujeito no centro das ações.

Ambiência aqui se refere à construção do espaço físico (entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais) pelos sujeitos participantes do momento da avaliação: gestor ambiental (CLA), equipe de campo e participantes – sujeitos para os quais estarão “voltadas as atenções”.

A ambiência na arquitetura é composta por três eixos indissociáveis do espaço: conforme a cartilha do Ministério da Saúde (2013):

- 1) confortabilidade; o espaço que visa à confortabilidade, valorizando elementos do ambiente que interagem com as pessoas – cor, cheiro, som, iluminação, morfologia.–, garantindo conforto aos usuários;
- 2) produção de subjetividades; o espaço que possibilita a produção de subjetividades no encontro de sujeitos;
- 3) ferramenta facilitadora do processo, o espaço usado como ferramenta facilitadora dos processos, favorecendo a otimização de recursos, o atendimento humanizado, acolhedor e resolutivo.

Estes três eixos devem estar sempre juntos na composição de uma ambiência.

Os temas estudados na revisão integrativa de literatura foram: ambiência, influência do ambiente escolar, gestão/liderança e avaliações em larga escala, que contribuem para a interpretação da gestão ambiental dos locais de aplicação de exames, no momento da aplicação, e sua interferência nos resultados e, ainda, na percepção da centralidade do participante nesse contexto.

A simultaneidade na apreensão e compreensão do ser Humano/ambiente e ambiência (participante/ambiência) através de atividades avaliativas implica o reconhecimento de que a ambiência dos locais de aplicação de provas, testes e exames em larga escala afeta (positiva ou negativamente) o desempenho cognitivo dos participantes e, talvez, agregue variações exógenas aos resultados gerais. A realização interativa entre equipe aplicadora, participante e ambiente físico e psicológico (ambiência) é importante na determinação do *genius loci* avaliativo.

Essa interação requer múltiplas dimensões, e sua totalização denomina-se “ambiência de prova” (ou ambiência avaliativa), objeto desta dissertação.

Esta pesquisa pretende fornecer subsídios para que as equipes de pesquisadores em concepção e análise de exames em larga escala do Inep possam:

- 1) permitir o desenvolvimento pleno de conhecimentos pelos participantes, ensejando planejamento e processos de ocupação física e psicológica (ambiental), seguindo uma lógica de totalização entre ser humano e ambiente, respeitando os ciclos e o dinamismo sociopsicológico-ambiental; e
- 2) valorizar a implementação de ambientes de prova saudáveis e humanizados, visando à obtenção de resultados fidedignos/coleta de dados ambientalmente igualitária e democrática (que considera os direitos e os deveres do cidadão participante de exames). Em outros termos, considerar a construção de ambiência de prova como tema central na prática avaliativa de larga escala para exames nacionais censitários, melhorando (criando/mantendo), assim, a interlocução entre os procedimentos e a humanização dos dias de aplicação da prova. Trata-se da inserção dos conceitos de “corporalidade” e “emocionalidade” na concepção dos ambientes de prova.

Fica claro, conforme o método utilizado, que as fontes consultadas para a revisão de literatura não englobam, de maneira exaustiva, as pesquisas e os estudos relativos à temática de ambiência em local de testes censitários nacionais, realizados em larga escala; entretanto, neste estudo, elas contribuem conceitualmente para o início e a prática da gestão ambiental nos exames em larga escala conduzidos pela equipe de pesquisadores do Inep.

A importância e protagonismo da ambiência e do ambiente físico são reconhecidos na área médica e de saúde, notadamente nos profissionais de enfermagem, pois estes lidam diretamente com o paciente, em seu cotidiano. Há uma nítida correlação com o gestor ambiental de exames e sua equipe de campo, principalmente chefes e fiscais de sala - estes lidam diretamente com os participantes de exames e avaliações nos dias da aplicação.

Os artigos que tratam da influência do ambiente escolar analisam a qualidade e a equidade nas escolas e o efeito destas no desempenho cognitivo de seus alunos. Utilizam dados estatísticos obtidos de avaliações em larga escala para mensurar variáveis e inferir relações entre qualidade e equidade das escolas estudadas. Para tanto é necessário uma avaliação da aprendizagem, com coleta de dados fidedigna que permita aquilatar a posse ou não de conhecimentos dos participantes testados.

A ambiência (totalização de fenômenos e inter-relação sujeito e ambiente) aponta para necessária humanização na aplicação de provas e consequente saúde avaliativa como garantia de fidedignidade na análise e apresentação dos resultados assim obtidos. O Inep oferecer ambiência avaliativa saudável e enriquecedora, capaz de aquilatar os conhecimentos dos participantes.

Falta reconhecimento desta necessidade na concepção, implantação e execução das provas. O CLA é responsável, nos dias de aplicação de exames, pela estrutura física, equipamentos, operacionalização e organização da logística e do processo de aplicação. Os comportamentos e atitudes deste CLA como gestor ambiental do Enem deve propiciar o desempenho cognitivo pleno e equitativo dos participantes, visando à obtenção de resultados o mais próximos possível da realidade a ser retratada. A liderança como aspecto a ser incorporado ao perfil do gestor de exames - o estilo de gestão influencia a equipe e é determinante no relacionamento com os participantes do teste.

Uma nova concepção de modelo de atenção e gestão, com características de liderança, que considera a importância da ambiência e a centralidade do participante neste processo - é necessário, além de um novo modelo de logística e de execução de exames em larga escala, um novo perfil do gestor ambiental, treinado em técnicas de liderança transformacional, comportamentais e atitudinais, bem como em relações interpessoais. O papel da equipe de campo da aplicação é fundamental na atenção aos participantes e garantia de ambiência propícia ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades adquiridos na etapa de ensino avaliada.

4 RESULTADOS

Nesta parte, apresenta-se o desenvolvimento do estudo sobre saúde avaliativa e ambiência avaliativa, com aspectos teóricos sobre gestão e liderança, influência do ambiente escolar e avaliações em larga escala sob a ótica da gestão ambiental de exames.

Como procedimento metodológico adotado, desenvolve-se uma reflexão sobre a gestão ambiental de exames com foco e análise da capacitação aplicada aos CLAs envolvidos no Enem 2012.

Como resultado desta reflexão sobre ambiência, propõe-se o perfil desejado para o gestor ambiental de exames e avaliações concebidos, conduzidos e implementados pela equipe de pesquisadores do Inep.

4.1 ANÁLISE E ASPECTOS CONTRIBUTIVOS

Análise e reflexão sobre a aplicação do Enem 2012 consistindo de:

- 1) análise do edital do Enem 2012;
- 2) análise dos resultados da capacitação do CLA para atuação no Enem 2012; e
- 3) análise dos instrumentos de avaliação números 1 e 2, aplicados ao final da capacitação.

4.1.1 Edital do Enem 2012

O edital de regulamentação do Enem 2012 foi publicado em 24 de maio desse ano, para a realização das provas nos dias 3 e 4 de novembro de 2012, conforme apêndice I (INEP, 2012). Constituído de 83 páginas, sendo 24 com a normatização de diretrizes, procedimentos e prazos, divididos em 19 itens. As demais páginas contêm os anexos de I a IV, com informações sobre as instituições certificadoras, a matriz de referência detalhada, os municípios onde a prova será realizada e a matriz de referência para redação.

A primeira parte do edital, dos itens 1 ao 7, é direcionada diretamente ao participante do exame. Apresenta as diretrizes e os procedimentos de inscrição, valor da taxa de inscrição e isenções, bem como assegura os atendimentos diferenciado e específico e a confirmação da inscrição.

Na sequência traz informações estruturantes do exame. O item 8 trata da estrutura do exame. Os itens 9 e 10 trazem informações sobre

local e horários do exame. Os itens 11, 12 e 13 tratam da identificação do participante, das orientações para a realização das provas e do preenchimento e conferência dos dados.

Na parte final do edital, os itens 14 e 15 apresentam informações sobre a correção das provas e a disponibilização dos resultados. O item 16 trata da certificação de conclusão do ensino médio e do acesso à educação superior. O item 18 dispõe sobre as obrigações do participante, e o último item traz as disposições finais e situações de exclusão do participante.

O edital silencia quanto ao planejamento e à construção da ambiência avaliativa aos participantes. Em apenas dois itens trata da aplicação do exame, regulamentando a identificação do participante e orientando-o para a realização das provas, a conferência de dados e as orientações de preenchimento.

A dimensão da ambiência avaliativa saudável está oculta e não é apresentada como uma obrigação do Inep e da empresa aplicadora, para a garantia de ambientes físico e psicológico igualitários aos participantes nos mais de 11 mil locais de aplicação do Enem 2012.

4.1.2 Capacitação dos coordenadores de local de aplicação

A análise da capacitação do CLA do Enem 2012 e dos dois instrumentos de avaliação aplicados visa identificar características e perfil dos CLAs que atuaram no exame. Percebe-se preocupação do consórcio aplicador com cinco temas:

- a) atribuições da equipe de campo;
- b) aplicação das provas;
- c) documentação;
- d) identificação do participante; e
- e) atendimento diferenciado ou específico.

A capacitação do CLA foi efetuada em dois momentos distintos: a distância e presencial.

1. Capacitação a distância

As equipes envolvidas nas atividades de campo relativas à logística de aplicação do Enem 2012 participaram do Programa de Certificação de Pessoas – Evento de Alinhamento para Aplicação de Exames e Avaliações do Inep, um curso a distância oferecido pelo

Centro de Educação a Distância da Universidade de Brasília (Cead/UnB).

O curso foi oferecido em cinco semanas e estruturado em torno dos seguintes temas:

- a) história do Inep/Enem;
- b) leitura do edital do Enem 2012;
- c) manual dos coordenadores e seleção de local de aplicação;
- d) atendimento diferenciado; e
- e) manual do chefe de sala/dos aplicadores, plano de contingência e instruções para a percepção de tentativa de cola.

Ao final de cada semana, o participante respondia a um teste eletrônico e apenas os que completaram o treinamento com 70% de aproveitamento estariam aptos a trabalhar na aplicação do Enem 2012 (o teste eletrônico permitia que o participante fizesse nova tentativa de responder, caso desejasse – o que torna os 70% de aproveitamento, na prática, apenas uma regra burocrática).

2. Capacitação presencial

A capacitação presencial teve duração média de oito horas (um dia), foi baseada no edital de regulamentação do Enem 2012 e focada, predominantemente, no atendimento diferenciado ou específico, na identificação do participante, nas atribuições da equipe de campo, na documentação e na aplicação das provas.

O CLA não foi preparado em técnicas de liderança de grupos e na implementação de ambiente de prova com atenção ao participante.

Ao final da capacitação, os participantes foram submetidos a um teste constituído pelos seguintes instrumentos avaliativos.

a) Instrumentos de avaliação

Nos instrumentos de avaliação aplicados ao final da capacitação – questionários respondidos pelos colaboradores do consórcio aplicador do Enem 2012 que atuavam na função de CLAs foram considerados cinco aspectos (temas predominantes): atendimento diferenciado ou específico, identificação do participante, atribuições da equipe de campo, documentação e aplicação das provas.

O grupo de respondentes utilizado foi um recorte aleatório com 3 mil sujeitos que participaram da capacitação total de 12 mil CLAs que atuariam no Enem 2012, sendo 58% mulheres e 42% homens. Os dados utilizados foram as respostas de 3 mil participantes da capacitação presencial aos questionários aplicados pelo Centro de Seleção e de Promoção de Eventos da Universidade de Brasília (Cespe/UnB), empresa integrante do consórcio aplicador, durante a capacitação para o Enem 2012.

Os instrumentos de avaliação 1 e 2 têm 20 questões cada um, com 4 possibilidades de resposta, sendo uma o gabarito e três os distratores.¹¹

a.1) Análise do Instrumento de Avaliação nº 1

Neste questionário os respondentes deveriam assinalar a resposta incorreta em 15 questões.

Conforme Tabela 4, quase 1/3 das questões (30%) trata das atribuições da equipe de campo e, com a mesma proporção de 20% são tratados os temas atendimento diferenciado ou específico e documentação. Os temas identificação de participante e aplicação das provas aparecem por último, em 15% das questões cada um.

¹¹ Para a resolução de um problema proposto por um enunciado, há apenas uma resposta correta (gabarito), mas os distratores são alternativas incorretas, com possibilidades de raciocínio passíveis de serem consideradas como parcialmente corretas ou parcialmente erradas.

Tabela 4 – Instrumento de Avaliação nº1 – Temas

Item	Tema da questão	Quantitativo	%
1.	Atendimento diferenciado ou específico	4	20
2.	Identificação de participante	3	15
3.	Atribuições da equipe de campo	6	30
4.	Documentação	4	20
5.	Aplicação das provas	3	15
	Total	20	100

Fonte: Elaborada pelo autor a partir do Instrumento de Avaliação nº 1.

O quantitativo de questões para marcação de resposta incorreta é elevado – 15 questões em 20, o que representa 75% do total e demonstra a intenção do consórcio aplicador.

Evidencia-se uma preocupação com a padronização da aplicação do exame, quando 80% do teste são distribuídos por temas referentes à prática da aplicação, conforme os itens 2 a 5 da Tabela 4.

A preocupação com o participante refere-se apenas ao atendimento diferenciado ou específico, com 20% das questões desse bloco de teste.

O CLA não é formado para a construção de um ambiente saudável de avaliação.

Analisando a porcentagem dos respondentes que acertaram a questão, marcando a resposta correta e verificando a porcentagem de respostas a um determinado distrator, podem-se verificar as questões com possibilidade de problema.

Conforme Tabela 5, o questionário apresenta três questões com possibilidade de problema.

Tabela 5 – Questionário nº 1: Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem resposta

Continua...

Questões 1 a 5		Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Gabarito		B	A	C	A	B
Distratores						
A		351	2.453	40	2.645	39
	%	10,39	72,62	1,18	78,30	1,15
B		2.535	235	148	57	2.554
	%	75,04	6,96	4,38	1,69	75,61
C		90	121	2.718	51	25
	%	2,66	3,58	80,46	1,51	0,74
D		28	193	90	242	385
	%	0,83	5,71	2,66	7,16	11,40
Sem resposta		374	376	382	383	375
	%	11,07	11,13	11,31	11,34	11,10
Total		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Questões 6 a 10		Q6	Q7	Q8	Q9	Q10
Gabarito		D	D	A	B	D
Distratores						
A		906	135	2.754	33	60
	%	26,82	4,00	81,53	0,98	1,78
B		212	246	103	2.373	70
	%	6,28	7,28	3,05	70,25	2,07
C		135	179	89	526	58
	%	4,00	5,30	2,63	15,57	1,72
D		1.735	2.434	33	65	2.811
	%	51,36	72,05	0,98	1,92	83,21
Sem resposta		390	384	399	381	379
	%	11,55	11,37	11,81	11,28	11,22
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 5 – Questionário nº 1: Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem-resposta

		...Conclusão				
Questões 11 a 15		Q11	Q12	Q13	Q14	Q15
Gabarito		A	B	C	A	B
Distratores						
A		2.769	64	30	2.954	81
	%	81,97	1,89	0,89	87,45	2,40
B		55	1.689	26	9	2.389
	%	1,63	50,00	0,77	0,27	70,72
C		38	596	2.825	12	71
	%	1,12	17,64	83,63	0,36	2,10
D		111	636	106	3	440
	%	3,29	18,83	3,14	0,09	13,03
Sem resposta		405	393	391	400	397
	%	11,99	11,63	11,57	11,84	11,75
Total		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Questões 16 a 20		Q16	Q17	Q18	Q19	Q20
Gabarito		C	B	D	C	D
Distratores						
A		796	11	161	23	120
	%	23,56	0,33	4,77	0,68	3,55
B		270	2.559	111	19	95
	%	7,99	75,75	3,29	0,56	2,81
C		1.549	43	69	2.922	59
	%	45,86	1,27	2,04	86,50	1,75
D		366	372	2.639	20	2.710
	%	10,83	11,01	78,12	0,59	80,22
Sem resposta		397	393	398	394	394
	%	11,75	11,63	11,78	11,66	11,66
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Legenda

O distrator atraiu mais de 10% dos respondentes.

Questão com possível problema.

Gabarito.



Em todas as questões houve uma porcentagem próxima de 11% sem resposta.

As questões 2, 3, 4, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 18, 19 e 20 representam 60% do Instrumento de Avaliação nº 1 e não apresentam problema pedagógico em sua formulação e nas possibilidades de respostas. Os respondentes não apresentaram dificuldade em encontrar a resposta correta e não houve distrator que atraísse parcela significativa dos participantes.

O gabarito das respostas foi corretamente respondido, sempre, por mais de 72% dos participantes, na questão 19, e por 86,5% do grupo.

As questões 1, 5, 9, 15 e 17 representam 25% do Instrumento de Avaliação nº 1 e, aparentemente, apresentam problema em pelo menos um dos distratores. O gabarito foi corretamente respondido por mais de 70% dos participantes, sendo que 75,75% dos participantes responderam corretamente à questão 17.

Para essas questões, pelo menos 10% dos participantes foram atraídos para um dos distratores, sendo que 15,57% dos respondentes da questão 9 foram atraídos para um dos distratores, o que merece uma análise pedagógica.

As questões 6, 12 e 16 representam 15% do instrumento de avaliação e receberam respectivamente, 51,36%, 50% e 45,86% das respostas dos participantes no gabarito. São questões com possíveis problemas pedagógicos em sua concepção e têm distratores que atraíram 26,82%, 18,83%/17,64% e 23,56%/10,83% dos respondentes, respectivamente.

A concepção pedagógica da capacitação e o Instrumento de Avaliação nº 1 devem ser revistos, pois, aproximadamente, 40% deste apresentou porcentagem acima de 10% dos respondentes que foram atraídos pelos distratores.

a.2) Análise do Instrumento de avaliação 2

Neste questionário os respondentes deveriam assinalar a resposta incorreta em 10 questões.

Conforme Tabela 6, percebe-se que os temas estão distribuídos de forma mais equilibrada que no questionário 1. Os temas atribuições da equipe de campo e aplicação das provas aparecem em 25% dos itens, dominando metade do bloco. Os temas identificação de participante e documentação aparecem em 20% das questões cada um e, por último, em apenas 10% das questões aparece o tema atendimento diferenciado ou específico.

Tabela 6 – Instrumento de Avaliação nº2 – Temas

Item	Tema da questão	Quantitativo	%
1.	Atendimento diferenciado ou específico	2	10
2.	Identificação de participante	4	20
3.	Atribuições da equipe de campo	5	25
4.	Documentação	4	20
5.	Aplicação das provas	5	25
	Total	20	100

Fonte: Elaborada pelo autor, a partir do Instrumento de Avaliação nº 2.

Na análise desse segundo bloco de itens, percebe-se a preocupação do consórcio com a padronização da aplicação do exame, quando 90% do teste foi distribuído por temas referentes à prática da aplicação, conforme os itens 2 a 5 da Tabela 6.

A preocupação com o participante refere-se apenas ao atendimento diferenciado ou específico, com 10% das questões do bloco de teste. Conforme a Tabela 7, o questionário 2 apresenta 3 questões com possibilidade de problema: questões 9, 13 e 19. Nestas, os distratores atraíram muitos respondentes.

Tabela 7 – Questionário nº 2: Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem-resposta

Continua...

Questões 1 a 5		Q1	Q2	Q3	Q4	Q5
Gabarito		D	D	A	B	B
Distratores						
A		53	344	2.561	99	30
	%	1,57	10,18	75,81	2,93	0,89
B		523	99	172	2.756	2.802
	%	15,48	2,93	5,09	81,59	82,95
C		170	34	111	16	14
	%	5,03	1,01	3,29	0,47	0,41
D		2.137	2.399	19	8	32
	%	63,26	71,02	0,56	0,24	0,95
Sem resposta		495	502	515	499	500
	%	14,65	14,86	15,25	14,77	14,80
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Questões 6 a 10		Q6	Q7	Q8	Q9	Q10
Gabarito		D	C	A	A	D
Distratores						
A		122	219	2.705	2.013	17
	%	3,61	6,48	80,08	59,59	0,50
B		140	38	72	735	97
	%	4,14	1,12	2,13	21,76	2,87
C		80	2.491	14	80	114
	%	2,37	73,74	0,41	2,37	3,37
D		2.529	111	71	28	2.646
	%	74,87	3,29	2,10	0,83	78,33
Sem resposta		507	519	516	522	504
	%	15,01	15,36	15,28	15,45	14,92
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Tabela 7 – Questionário nº 2: Quantitativos absolutos e relativos de respostas para gabarito, distratores e sem-resposta

		...Conclusão				
Questões 11 a 15		Q11	Q12	Q13	Q14	Q15
Gabarito		D	C	B	C	C
Distratores						
A		59	187	314	49	223
	%	1,75	5,54	9,30	1,45	6,60
B		64	85	1.873	13	41
	%	1,89	2,52	55,45	0,38	1,21
C		23	2.478	70	2.758	2.524
	%	0,68	73,36	2,07	81,65	74,72
D		2.723	110	603	40	45
	%	80,61	3,26	17,85	1,18	1,33
Sem resposta		509	518	518	518	545
	%	15,07	15,33	15,33	15,33	16,13
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Questões 16 a 20		Q16	Q17	Q18	Q19	Q20
Gabarito		D	A	D	B	D
Distratores						
A		195	2.664	84	610	45
	%	5,77	78,86	2,49	18,06	1,33
B		71	29	98	1.625	38
	%	2,10	0,86	2,90	48,11	1,12
C		137	48	69	269	18
	%	4,06	1,42	2,04	7,96	0,53
D		2.462	110	2.613	326	2.755
	%	72,88	3,26	77,35	9,65	81,56
Sem resposta		513	527	514	548	522
	%	15,19	15,60	15,22	16,22	15,45
		3.378	3.378	3.378	3.378	3.378
	%	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Legenda

O distrator atraiu mais de 10% dos respondentes.



Questão com possível problema.



Gabarito.



A análise do Instrumento de Avaliação nº 2 permite observar que os dois instrumentos têm preocupação com os mesmos temas, diferindo apenas na porcentagem de itens que tratam de cada um deles. Portanto, faz-se desnecessário aprofundamento na análise do segundo instrumento.

A formação do CLA continua eminentemente prática, voltada para a aplicação. Não há foco na atenção dispensada ao participante, como forma de igualdade de condições a todos.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Visando elucidar conceitualmente este estudo e suas potencialidades para trazer subsídios ao debate acerca de relações entre métodos, gestão da avaliação e gestão da logística de aplicação, estudou-se a capacitação e o perfil do CLA no Enem 2012, com a aplicação de uma análise estatística suficiente para a consecução do objetivo proposto. Analisou-se tangencialmente o perfil desejado do gestor educacional, para cotejá-lo com o perfil desejado do gestor ambiental do local de aplicação de exames e avaliações conduzidos pelos pesquisadores.

A capacitação presencial oferecida pelo consórcio aplicador do Enem 2012 focou em um perfil burocrático-administrativo, que é o esperado/desejado do CLA. A capacitação é focada nos aspectos burocráticos e administrativos da aplicação.

A análise dos instrumentos de avaliação aplicados ao final da capacitação evidenciou essa preocupação do consórcio aplicador, embasado pela equipe de concepção e reforçado pela equipe responsável pela capacitação e aplicação do Enem 2012.

Percebe-se a necessidade de repensar formas de mensurar, estimar e interpretar uma escala de proficiências do CLA no Enem e iniciar uma série histórica para os exames subsequentes. Desta maneira será possível comparar longitudinalmente os gestores ambientais entre: a) seus pares;

b) por Município; c) por Estado/DF; d) por região; e e) nacionalmente, bem como correlacionar seus conhecimentos e habilidades com possíveis problemas encontrados/relatados pelos participantes do teste aplicado.

A equipe de concepção de avaliações do Inep escolhe, conforme análises históricas, o perfil do instrumento a ser utilizado, visando à obtenção dos resultados esperados na aplicação censitária nacional em larga escala. Entretanto, diferentes locais com diferentes gestores podem fazer com que os participantes tenham uma ambiência avaliativa diferenciada, influenciando na fidedignidade dos resultados assim obtidos. A gestão ambiental do exame visa minimizar as diferenças na construção da ambiência avaliativa, e o papel do gestor ambiental de exames exige perfil de liderança e foco no participante.

Conforme verificado na revisão de literatura, o ambiente escolar influencia no desenvolvimento cognitivo dos estudantes, permitindo a inferência de que a ambiência avaliativa interfere no desempenho em exames e avaliações aplicados nacionalmente, em larga escala.

Demonstra-se nesta pesquisa a importância de reflexão, estudos e pesquisas sobre o efeito e as vantagens da ambiência avaliativa no desenvolvimento cognitivo dos participantes de avaliações aplicadas nacionalmente em larga escala. A avaliação é central para a definição de políticas públicas educacionais, porque reflete os processos que ocorrem com os alunos nos diversos sistemas educacionais, durante o período analisado.

No Brasil, isso é particularmente relevante num momento em que algumas avaliações educacionais conduzidas pela equipe de pesquisadores do Inep/MEC têm estimulado a participação crescente de estudantes. A análise e a divulgação dos resultados das avaliações – sem levar em conta as diferenças de ambiência construída nos locais de aplicação –, podem incorrer em conclusões equivocadas e produzir políticas públicas inapropriadas, ao não evidenciar o desenvolvimento pleno do participante das avaliações. A gestão ambiental e a saúde avaliativa são uma discussão incipiente na área da avaliação educacional em larga escala. O gestor ambiental de exames (GAE) deve ter o perfil e estar preparado/capacitado para exercer liderança na gestão do local de provas, minimizando o estresse da prova nos participantes e na equipe de campo.

A gestão ambiental de exames depende da liderança exercida pelo GAE junto aos membros da equipe de campo no dia da aplicação do exame e junto aos participantes deste. Essa liderança construirá o ambiente (HUNTER, 2004) e a ambiência (NOGUEIRA, 2000) avaliativa, necessários ao pleno desenvolvimento cognitivo dos

participantes dos exames e das avaliações conduzidos nacionalmente pela equipe de pesquisadores do Inep.

Os resultados desta pesquisa demonstram que o perfil exigido do CLA e sua capacitação presencial não contemplam a efetiva humanização de territórios avaliativos e a perspectiva de liderança de um grupo de pessoas, visando a um determinado objetivo e, principalmente, à construção de um ambiente e de uma ambiência avaliativa nos dias de aplicação de exames em larga escala conduzidos pelo Inep/MEC.

O GAE deveria ter, portanto, a capacidade de liderar pessoas (equipe e participantes) no momento da aplicação de avaliações e exames e de fazer a gestão do espaço físico e dos equipamentos, para criar a ambiência de avaliação, necessária como garantia de igualdade de condições.

O gestor ambiental deve deter comportamentos e atitudes de liderança transformacional (THIEME; TERVINO, 2012), relações interpessoais (SILVA; CUNHA, 2012) e estratégia (TAMAYO, 2013), para liderar a equipe de campo de aplicações de exames e avaliações do Inep, bem como estar preparado para humanizar e implementar uma ambiência para a aplicação dos exames e interagir com os participantes, colocando-os em papel de centralidade. “São para eles as nossas atenções” (Figura 2).

Isso não permite, no entanto, concluir que a preocupação com a concepção ambiental avaliativa e com a implementação de saúde avaliativa irá alterar significativamente os resultados obtidos, principalmente visualizando-se o sistema como um todo. A percepção do sujeito de uma boa ambiência avaliativa, ou mesmo da ambiência, é muito sutil, difícil. O mais importante é focar no perfil e na capacitação do GAE para uma gestão ambiental de exames cuja atenção esteja voltada, conforme Kantorski (2011), aos participantes e às suas necessidades físicas e psicológicas em momentos de avaliação.

Questões sobre a ambiência do local de aplicação de exames externos não aparecem na literatura. Investigações que abordam e envolvem a discussão sobre o ambiente escolar e da sala de aula e sua influência no aprendizado e na proficiência do alunado aparecem de forma tangencial e configuram uma produção tendente a se tornar gradualmente presente no debate sobre as avaliações educacionais.

Conquanto esses resultados sejam relevantes, este estudo tem limitações. Por ser uma pesquisa-piloto que analisa poucos dados, referentes à aplicação de um exame nacional, o estudo foi parcimonioso e não pretende exaurir o tema, mas apenas iluminar a gestão ambiental nos exames aplicados em larga escala nacionalmente. É importante

observar que, devido à natureza deste estudo, não é possível tirar conclusões sobre causa e efeito em relação aos resultados apresentados.

O edital do Enem 2012, voltado para o público, não contempla a necessária construção de uma ambiência avaliativa aos participantes por parte da equipe de campo liderada pelo coordenador de local de aplicação (CLA). A dimensão gestão da ambiência está oculta em itens que tratam da aplicação do exame e que apenas orientam o CLA quanto a suas obrigações no desempenho de suas atividades nos dias de aplicação.

A análise dos dados contribui na percepção premente da necessidade de uma gestão ambiental avaliativa nos exames concebidos e implementados pela equipe de pesquisadores do Inep e conduzidos por empresa aplicadora contratada. A formação dos gestores ambientais de exames é essencial na garantia de ambiência avaliativa e deve ser tema de estudos e pesquisas que aprofundem o conhecimento do momento de aplicação de exames e avaliações sob a responsabilidade da equipe do Inep.

Conforme revisão de literatura entende-se que a seleção e a capacitação do gestor ambiental de exames e avaliações devem privilegiar aspectos atuais de liderança e gestão.

A implementação de um banco de gestores ambientais de exames do Inep é essencial na gestão da logística de aplicação de exames e avaliações censitários aplicados nacionalmente. Este banco permite a manutenção de um grupo de profissionais com currículo e experiência, bem como a capacitação necessária para a aplicação de exames e avaliações em larga escala, que podem ser convocados a trabalhar nos momentos de aplicação.

5 CONCLUSÕES

Conforme Nogueira (2000), na formação do educador, a “subjetividade-corporalidade é epigênese de conhecimento, isto é, correlaciona conteúdo (ensino-pesquisa) e continente (ambiente).” Podemos extrapolar e dizer que, na formação do gestor ambiental de exames (GAE), a epigênese do conhecimento deve correlacionar conteúdo e ambiente e, ainda, para a saúde avaliativa do local de aplicação, a epigênese de avaliação deve correlacionar desempenho cognitivo em avaliação e ambiência.

É necessário voltar a atenção ao participante de testes cognitivos, como forma de humanização e de saúde avaliativa, compreendendo a análise e o conhecimento do perfil profissional que fará a gestão ambiental e preparando o pesquisador do Inep para a gestão, o desenvolvimento, a execução e a análise de avaliações censitárias nacionais humanizadas e ambientalmente saudáveis, para a fidedignidade dos resultados desse processo.

A construção do espaço avaliativo saudável deve propiciar a possibilidade do processo reflexivo do sujeito, garantindo a construção de ações/reações a partir da totalidade e da integralidade inclusiva, na perspectiva da equidade.

É preciso utilizar a arquitetura como ferramenta facilitadora de mudança do processo de aplicação de exames e avaliações censitários nacionais e em larga escala. A ambiência discutida isoladamente não muda o processo, pois este se relaciona com a postura e o entendimento do gestor ambiental e de sua equipe. É um instrumento de construção do espaço dinâmico, constituído de ambiente físico e temporalidade.

Gestão ambiental avaliativa

O ambiente e a ambiência são um espaço de encontro entre sujeitos. A ambiência apresenta-se como um catalisador que facilita e potencializa as capacidades de reflexão e de ação dos sujeitos envolvidos no momento da aplicação de exames externos, possibilitando a maximização da fidedignidade dos resultados.

Para essa nova concepção de modelo de atenção e gestão, que considera a importância da ambiência e da centralidade do participante nesse processo, é necessário, além de um novo modelo de logística e de execução de exames em larga escala, um novo perfil do Gestor Ambiental de Exames (GAE) – antigo CLA –, treinado em técnicas de liderança transformacional, comportamentais e atitudinais, bem como

em relações interpessoais. O papel da equipe de campo da aplicação é fundamental à atenção aos participantes e à garantia de ambiência propícia ao desenvolvimento de conhecimentos e habilidades adquiridos na etapa de ensino avaliada.

Gestor Ambiental de Exames (GAE)

O gestor ambiental – líder e gerente responsável pelos locais de aplicação das avaliações, exames e testes desenvolvidos pelo Inep – deve estar devidamente preparado e capacitado em técnicas de liderança transformacional, comportamentais e atitudinais, bem como em relações interpessoais. O papel do GAE na aplicação é fundamental nas reações interpessoais com a equipe de campo e com os participantes do exame.

É o profissional responsável pela saúde avaliativa dos locais de aplicação de exames conduzidos pela equipe de pesquisadores do Inep.

A capacitação do GAE deve explorar a atenção ao participante (KANTORSKI *et al.*, 2011), os comportamentos e as atitudes de um líder, as relações interpessoais, além do conhecimento técnico-teórico do exame.

O GAE deve estar preparado para os diversos fatores que influenciam a formação do ambiente e a preparação da ambiência avaliativa.

O CLA é atualmente, o responsável pelo local de provas nos dias de aplicação dos exames e avaliações e o GAE deve responder pelo ambiente físico e pelos equipamentos do local de provas, bem como pela ambiência proporcionada aos participantes. Essa ambiência deve prover igualdade entre os participantes, em nível nacional, em todos os locais de aplicação, como garantia de fidedignidade aos resultados. Ou seja, cada participante recebeu um ambiente e uma ambiência propícia ao desenvolvimento de seus conhecimentos e habilidades, para a consecução dos objetivos iniciais do Inep, quais sejam: avaliar os conhecimentos e as habilidades adquiridos pelos concluintes e egressos do ensino médio.

O papel da liderança na gestão ambiental de exames

Nessa visão de ambiência avaliativa saudável e de humanização de territórios, o gestor ambiental passa a ter um conjunto de ações inerentes ao seu trabalho nos dias de exames e avaliações, além das ações comuns à aplicação, absorvendo a ênfase e a atenção ao

participante, assim como a implementação e a construção dos aspectos ambientais e psicológicos.

O foco da gestão ambiental de exames deve ser a relação desenvolvida entre o gestor ambiental, o líder da equipe de campo e os participantes do exame ou avaliação. Essa relação se desenvolve, principalmente, nos dias de aplicação, dentro dos limites do local de aplicação (ambiente físico) de exames e avaliações censitários aplicados nacionalmente em larga escala.

A ambiência avaliativa saudável respeitará o participante, conforme suas necessidades, em um processo de coleta de dados, e exigirá mais atenção do líder da equipe de campo, para que os resultados não sejam influenciados.

Se a arquitetura de interiores influencia na organização do espaço físico, a ambiência avaliativa e o perfil do gestor ambiental influenciarão positivamente os resultados de avaliações aplicadas em larga escala. Questionamentos sobre a ambiência em sala de aula na literatura acadêmica educacional brasileira contribuem e devem ser utilizados no entendimento da ambiência de avaliação. Estudos que abordam e envolvem a discussão sobre o ambiente escolar e da sala de aula (Soares, 2003) são excelentes no auxílio à pesquisa sobre a influência do ambiente avaliador no resultado obtido.

Os temas pesquisados – influência do ambiente escolar, gestão e liderança, avaliações em larga escala e ambiência – embasam a definição do perfil desejado ao gestor ambiental de exames e devem auxiliar no planejamento e na implementação de ambiência avaliativa e gestão ambiental de exames.

Proposição do perfil de um gestor ambiental de exames

Esse gestor ambiental deve, portanto, deter comportamentos e atitudes de liderança transformacional (BHATTI *et. al.*, 2012; THIEME *et. al.*, 2012) e relações interpessoais (TAMAYO, 2013), para liderar a equipe de campo de aplicação de exames e avaliações do Inep, bem como estar preparado para humanizar e implementar uma ambiência para essa aplicação e interagir com os participantes colocando-os em papel de centralidade. O GAE deve aplicar sabedoria, discernimento e bom senso em uma atitude acolhedora, incentivadora e motivadora, na construção e implementação da ambiência avaliativa.

Visando elucidar conceitualmente este estudo e suas potencialidades em trazer subsídios ao debate acerca de relações entre métodos, gestão da avaliação e gestão da logística de aplicação, estudou-

se a capacitação e o perfil do CLA no Enem 2012, com a aplicação de técnicas estatísticas básicas.

Questões sobre a ambiência do local de aplicação de exames externos não aparecem na literatura. Investigações que abordam e envolvem a discussão sobre o ambiente escolar e da sala de aula e sua influência no aprendizado e na proficiência do alunado aparecem de forma tangencial e configuram uma produção tendente a se tornar gradualmente presente no debate sobre as avaliações educacionais.

Perspectiva futura/trabalhos futuros

- Aplicar técnicas estatísticas avançadas para a análise de dados, e a Teoria da Resposta ao Item (TRI) para a mensuração e a construção de um indicador de proficiência do CLA nos exames e avaliações aplicados em larga escala, conduzidos pela equipe de pesquisadores do Inep. Analisar os resultados por região e por estado com dados sociodemográficos, de gênero, formação e experiência prévia.
- Analisar os dados de possíveis reclamações dos participantes desses exames e cotejá-los com o perfil do CLA daquele local.
- Ampliar e aprofundar estudos e pesquisas sobre o momento da aplicação de exames censitários nacionais em larga escala, com foco na ambiência avaliativa, na saúde avaliativa e na gestão ambiental.
- Concepção, planejamento e implementação de um Banco de Gestores Ambientais de exames do Inep. Chamada pública para capacitação de profissionais com o perfil adequado para gestão e liderança.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. T. G.; FRANCO, C. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. In: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (Orgs.). **Pesquisa em eficácia escolar: origens e trajetórias**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

BHATTI, N.; MAITLO, G. M.; SHAIKH, N.; HASHMI, M. A.; SHAIKH, F. M. The impact of autocratic and democratic leadership style on job satisfaction. **International Business Research**, v. 5, n. 2, p. 192-201, Feb., 2012.

BHERING, E.; ABUCHAIM, B. A qualidade dos ambientes. **Revista Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 1, p. 30-43, set. 2011.

BONAMINO, A.; SOUSA, S. Z. Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 373-388, abr./jun. 2012.

BORGES, R. M., CALDERÓN, A. I. Avaliação educacional: o estado do conhecimento da Revista Ensaio. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 19, n. 70, p. 42-56, jan./mar. 2011.

BRASIL. MEC/Inep. **ENEM - documento básico**, Brasília: Inep, 1998.

BRASIL. **Fundamentação das matrizes de avaliação da educação básica: estudos e propostas**. Brasília: Inep, 2014. 155 p.

BOTELHO, L. L. R.; CUNHA, C. C.de A. C.; MACEDO, M. O Método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte MG, v. 5, n., p. 121-136, . mai./ago. 2011.

CASTRO, A. M. D. A; NETO, A. C. Gestão escolar em instituições de ensino médio: entre a gestão democrática e a gerencial. **Educação e Sociedade**, Campinas SP, v. 32, n. 116, p. 745-770, jul. 2011.

CASTRO, M. H. G. de. Sistemas de avaliação da educação no Brasil: avanços e novos desafios. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo,

v. 23, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2009.

COUTO-DE-SOUZA, C. L.; TOMEI, P. A. Impactos de uma liderança transacional em um processo de mudança transformacional. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 8, n. 2, p. 98-120, jan. 2008. ISSN 1984-6657. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/10161/9398>>. Acesso em: 24 mar. 2014.

EDWARDS, G.; TURNBULL, S. A Cultural Approach to Evaluating Leadership Development. **Advances in Developing Human Resources**, Thousand Oaks, CA, v. 15, n. 1, p. 46-60, February 2013.

FONSECA, A. M. DE O.; PORTO, J. B. Validação fatorial de escala de atitudes frente a estilos de liderança. **Avaliação Psicológica**, Itatiba SP, v. 12, n. 2, p. 157-166, ago. 2013.

FRANCO, C.; ORTIGÃO, I.; ALBERNAZ, A.; BONAMINO, A.; AGUIAR, G.; ALVES, F.; SÁTYRO, N. Qualidade e equidade em educação: reconsiderando o significado de “fatores intraescolares” **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 55, abr./jun. 2007.

GAIKWAD, D. D. A New Trend In Educational Evaluation. **Review of Research**, v. 2, n. 1, p. 202, 2012.

GAMA, J.; FISCHMAN, A. A epistemologia da estratégia: uma proposta para a classificação de seu conteúdo. In: CONGRESSO SLADE, 16, 2003, Lima, Peru.

GATTI, B. A. Avaliação educacional no Brasil: pontuando uma história de ações. *Eccos*. Revista Científica, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 17-41, 2002.

GATTI, B. A. Possibilidades e fundamentos de avaliações em larga escala: primórdios e perspectivas contemporâneas. In: BAUER, A.; GATTI, B. A.; TAVARES, M. R. (Orgs.). **Ciclo de debates Vinte e cinco anos de avaliação de sistemas educacionais no Brasil**. V. 1: Origens e Pressupostos. Florianópolis, SC: Insular, 2013.

GIL, A. C. **Gestão de pessoas: enfoque nos papéis profissionais**. São Paulo: Atlas, 2011.

GONÇALVES, A. S.; SOUSA, A. A. de M. **Evento de alinhamento para aplicação de exames e avaliações do Inep**. Brasília: Inep, 2012. Versão manuscrita.

GORROCHOTEGUI-MARTELL, A. Um modelo de “*coaching*” em directivos escolares. **Educación y Educadores**, Bogotá, Colombia, Universidad de La Sabana, v. 14, n. 2, p. 369, 2011.

HORTA NETO, J. L. Um olhar retrospectivo sobre a avaliação externa no Brasil: das primeiras medições em educação até o Saeb de 2005. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 42, n. 5, 2007.

HUNTER, J. C. **O monge e o executivo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Histórico do Enem**. Evento de alinhamento para aplicação de exames e avaliações do Inep – 2012. Brasília: Inep, 2012. Versão manuscrita.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. Edital nº 3, de 24 de maio de 2012 – Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2012. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2012/edital-enem-2012.pdf. Acesso em: 30 abr. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Prêmio de Inovação em Gestão Educacional**. Brasília: Inep, 2008. (Documentos).

JUNG, C. F. Metodologia científica – Ênfase em Pesquisa Tecnológica. 3ª Edição Revisada e Ampliada. 2003. Disponível em: <http://www.jung.pro.br>. Acesso em 2013.

KANTORSKI, L. P.; COIMBRA, V. C. C.; SILVA, E. N. F. da; GUEDES, A. da C.; CORTES, J. M.; SANTOS, F. dos. Avaliação

qualitativa de ambiência num Centro de Atenção Psicossocial. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, n. 4, 2011.

KIM, W. C.; MAUBORGNE, R. Value innovation: a leap into the blue ocean. *Journal of Business Strategy*, Bingley, UK, v. 26, n. 4, p. 22-28, jul./ago. 2005.

KOUZES, James M., POSNER, Barry Z. **O novo desafio da liderança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

MACHADO, C. Impactos da avaliação externa nas políticas de gestão educativa. **Reice: Revista Electrónica Iberoamericana sobre Calidad, Eficacia y Cambio en Educación**, Madrid, Espanha, v. 11, n. 1, p. 40-55, 2013. ISSN-e 1696-4713.

MARRI, I.; RACCHUMI, J. Infraestrutura escolar e desempenho educacional em Minas Gerais: possíveis associações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS: Transformações na População Brasileira: Complexidades, Incertezas e Perspectivas, 19-23, 2012, Águas de Lindóia, SP. **Anais...** Águas de Lindoia, SP: Abep, 2012.

MINHOTO, M. A. P. Da disseminação da cultura de avaliação educacional: estudo sobre a institucionalização do Enem. **Poiésis**, Tubarão, SC, v. 1, n. 1, p. 67-85, jan./abr. 2008.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Ambiência**. 2. ed. Brasília, DF, 2013.

NOGUEIRA, A. **Projeto Ambiência**. Ambiência: direcionando a visão do educador para o terceiro milênio. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária, 2000.

PASCARELLA, E.T.; WANG, J.-S.; TROLIAN, T. L.; BLAICH, C. How the instructional and learning environments of liberal arts colleges enhance cognitive development Higher Education. **Springer Science+Business Media Dordrecht**, p. 1-15, 16 March 2013.

PRICE, H. E. Principal-Teacher Interactions: How Affective Relationships Shape Principal and Teacher Attitudes. **Educational Administration Quarterly**, v. 48, n.1, p. 39-85, 2012.

REIS, Germano Glufke. **Avaliação 360 graus**. 3. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2010.

SILVA, F. M. V. da; CUNHA, C. J. C. de A. A transição de contribuidor individual para líder: a experiência vivida pelo professor universitário. **Revista Gual**, Florianópolis, SC, v. 5, n. 1, p. 145-171, jan./fev./mar./abr. 2012. Disponível em: <www.gual.ufsc.br>. Acesso em: 27 abr. 2014.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. Florianópolis: UFSC, 138p. 2005.

SOARES, J. F.; ANDRADE, R. J. de. Nível socioeconômico, qualidade e equidade das escolas de Belo Horizonte. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, p. 107-126, mar. 2006.

SOARES, J. F.; CANDIAN, J. F. O efeito da escola básica brasileira: as evidências do Pisa e do Saeb. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 1-12, 2007.

SARTES, L. M. A.; DE SOUZA-FORMIGONI, M. L. O. Avanços na psicometria: da teoria clássica dos testes à teoria de resposta ao item. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 2, p. 241-250, abr./jun. 2013. ISSN 0102-7972. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000200004>>.

SOARES, T. M. Influência do professor e do ambiente em sala de aula sobre a proficiência alcançada pelos alunos avaliados no Simave-2002. **Estudos em Avaliação Educacional**. n. 28, p. 103-124, jul./dez. 2003. Disponível em: <http://www.fcc.org.br/pesquisa/actions.actionsEdicoes.BuscaUnica.d?codigo=1112&tp_caderno>. Acesso em: 11 maio 2015.

SOARES, T. M.; TEIXEIRA, L. H. G. Efeito do perfil do diretor na gestão escolar sobre a proficiência do aluno. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, n. 34, p. 155-186, maio/ago. 2006.

SOUZA, A. R. As relações entre os resultados da avaliação e os modelos de gestão escolar. **Intermeio**, Campo Grande, MS, v. 13, n. 25, p. 64-81, jan./jun. 2007.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Eisten*, v. 8. n. 1, p. 102-106, jan./mar. 2010.

TAMAYO, H. V. B. Taxonomía de las estrategias. **International Journal of Knowledge and Management**. Florianópolis, SC, v. 2, n. 2, p. 36-51, mar./maio 2013.

THIEME, C.; TREVINO, E. Liderazgo em educação: al final solo el carisma importa. **Espacio Abierto: Cuaderno Venezolano de Sociologia**, Maracaibo, Venezuela, v. 21, n. 1, p. 37-57, jan./mar. 2012.

THIRY-CHERQUES, H. R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**. Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-55, jan./fev. 2006.

WARSCHAUER, M.; D'URSO, L. Ambiência e formação de grupo em programas de caminhada. **Saúde e Sociedade**, São Paulo SP, v. 18, supl. 2, p. 104-107, set./dez.2009.

WERLE, F. O. C. Políticas de avaliação em larga escala na educação básica: do controle de resultados à intervenção nos processos de operacionalização do ensino. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Avaliação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 73, p. 769-792, out/dez. 2011.

APÊNDICE I

Estrutura do edital do Enem 2012

Tabela 3 – Estrutura edital Enem 2012

Itens	Atenção ao:	Regulamenta
1 a 7	Participante	Diretrizes e procedimentos de inscrição. Atendimentos diferenciado e específico.
8 a 10	Exame	Estrutura do exame, local e horários.
11 a 13	Aplicação	Identificação do participante. Orientação para a realização das provas. Conferência de dados e orientações de preenchimento.
14 e 15	Resultados	Correção das provas e divulgação dos resultados.
16 e 17	Utilização dos resultados	Certificação de conclusão do ensino médio e acesso à educação superior.
18	Obrigações do participante	Obrigações e responsabilidades do participante.
19	Disposições finais	Apresenta principalmente motivos de exclusão do exame.

Fonte: Elaborada pelo autor.

O edital é composto de 19 itens e 4 anexos. Os itens tratam de temas voltados ao participante e suas obrigações; à estrutura e à aplicação do exame; aos resultados e sua utilização; e às disposições finais, conforme detalhado a seguir:

1. Das disposições preliminares
Trata de diretrizes e procedimentos, cronograma de inscrição e data de realização das provas. Informa sobre a finalidade do Enem, a utilização dos resultados gerais obtidos e, de forma facultativa, a utilização dos resultados individuais.
2. Do atendimento diferenciado e específico

O Inep assegura o atendimento diferenciado e o atendimento específico ao participante que deles necessite.

3. Da taxa de inscrição
Informa sobre o valor da taxa de inscrição, a forma de pagamento e a concessão de isenções.
4. Das inscrições
Informa como o participante deve proceder para solicitar sua inscrição no exame e os documentos obrigatórios.
5. Do preenchimento da inscrição
Trata de como o participante deve efetuar sua inscrição e como verificar sua conclusão com sucesso.
6. Da confirmação da inscrição
Trata da situação da inscrição e de sua confirmação, para participantes isentos e não isentos da taxa.
7. Do cartão de confirmação da inscrição
Informa sobre os dados do participante que comporão o cartão de confirmação da inscrição, a ser enviado pelos Correios para o endereço informado pelo participante ou mediante consulta ao sistema eletrônico do Inep.
8. Da estrutura do exame
Apresenta a matriz de referência constante no Anexo II e a composição de conhecimentos constantes nas provas do primeiro e segundo dias.
9. Do local do exame
Informa sobre os municípios onde ocorrerão as provas, listados no Anexo III.
10. Dos horários
Estabelece os horários de realização das provas.
11. Da identificação do participante
Informa sobre a obrigatoriedade da apresentação de documento de identificação e relaciona documentos válidos para a identificação do participante.

12. Das orientações para a realização das provas
Apresenta orientações ao participante, a serem observadas durante a realização das provas.
13. Da conferência de dados e orientações de preenchimento
Informa como o participante deve proceder para conferir seus dados e preencher as respostas.
14. Da correção das provas
Apresenta os critérios de correção e o cálculo das proficiências, baseados na Teoria da Resposta ao Item (TRI).
15. Dos resultados
Informa como o participante deve proceder para acessar gabaritos e resultados individuais.
16. Da certificação de conclusão do ensino médio
Informa como utilizar os resultados do Enem 2012 para a certificação de conclusão do ensino médio e apresenta uma lista das instituições certificadoras no Anexo I.
17. Da utilização dos resultados para o acesso à educação superior
Informa sobre a possibilidade de utilização dos resultados para o acesso às Instituições de Ensino Superior (IES).
18. Das obrigações dos participantes
Regulamenta as obrigações do participante, notadamente no momento de aplicação das provas.
19. Das disposições finais
Regulamenta, principalmente, os critérios de exclusão do exame.

APÊNDICE II

Etapas da revisão integrativa da literatura

1. Definição dos *descritores* em língua portuguesa, inglesa e espanhola a serem pesquisados:

- a) Avaliação educacional/Educational evaluation/La evaluación educativa – Evaluación de la educación.
- b) Gestão de local de aplicação/.....
- c) Exames nacionais/National tests/Las pruebas nacionales.
- d) Exames em larga escala – Avaliações em larga escala/Large-scale tests/Las pruebas em gran escala.
- e) Provas padronizadas – testes padronizados/Standardized tests/Pruebas estandarizadas
- f) Gestão educacional/Educational management/Gestión de la educación.
- g) Processos avaliativos (processo avaliativo)/Evaluative processes/Procesos evaluativos.
- h) Políticas de avaliação/Assessment policies/Políticas de evaluación.

2. Data de realização da pesquisa primária: 26 e 27 de abril de 2014

3. Base de dados: Periódicos Capes

4. Aplicação dos critérios de inclusão e exclusão: data de publicação: últimos 5 anos – de 2010 a 2014. Em alguns casos, utilizaram-se artigos de 2008 ou 2009.

5. Leitura dos títulos dos artigos: exclusão por não atender ao tema geral.

6. Reunião de consenso com a orientadora: 28 de abril de 2014.

7. Leitura dos resumos e palavras-chave dos artigos: exclusão por não atenderem ao tema específico

8. Reunião de consenso com a orientadora: 1º de maio de 2014.

9. Artigos pré-selecionados: 775.

10. Resgate e releitura dos resumos/leitura de métodos e conclusão: exclusão por não atender ao proposto na pesquisa – gestão ambiental de locais de aplicação de exames nacionais em larga escala.

11. Artigos selecionados: 80.

12. Reunião de consenso com a orientadora: 5 de maio de 2014.

13. Leitura dos artigos.

14. Artigos excluídos por não se adequarem aos critérios da *revisão integrativa*: 45

15 Artigos selecionados para leitura e estudo: 35 artigos.